



corpafeto

Alicia Teodoro
Camila de Oliveira
Wagner Moreira
Wemerson Felipe Gomes
Orgs.





corpafeto



corpafeto

Alicia Teodoro
Camila de Oliveira
Wagner Moreira
Wemerson Felipe Gomes
Orgs.



ADRIANA VERSIANI

C O R P A F E T O

SONETO #1

ADRIANA VERSIANI

Lado cáustico do verbo arde dentro
Chuva, som que escorre pela calha
Astrolábio é palavra ou instrumento?
Simum, sopro quente, o vento fala

Ave de rapina, caboclo, caboré
Bogari com flores perfumadas
Tudo existindo enquanto nada
Nada antes da palavra é o que é

Não sou construção obediente
Confesso deitada no divã
Antes de ser sempre fui gente

Solitária experimento essa viagem
Língua morta é peça de antiquário
Fogueira acesa faz de mim minha linhagem

SONETO #2

ADRIANA VERSIANI

Poeira de concha para cobrir minha escrita
Xantungue do oriente seca essa ferida
Mandacaru florescendo lá na serra
É sinal que a chuva chega nesta terra

Jerinquixá traz a seda do oriente
Esperança de riqueza vem pra cá
Morte cheira como sumo de semente
Que depois de macerada já não há

Areiro do areento arenoso
Caatinga cumaru chá de hortelã
Mantra profundo, búzio, chão venturoso

Clareza, pó de minério, imã
Mistério enterrado aos pés do jatobá
Como alimento para esse chão há de voltar.

ESCALPO

ADRIANA VERSIANI

Quebraram-lhe as pernas
Serraram-lhe os ossos
Mergulharam seu couro
em líquido ácido
Aguilhado por ponta metálica,
como a roda do carro,
Ainda chia:
Êêêêê boooooi

SONHO

ADRIANA VERSIANI

Quando dormiam
Nos idos de março
Os gregos antigos
Cerravam as pálpebras
Para o fogo do mundo
E as chamas de dentro
Acendiam sargaços
Quando dormiam
Era assim que sonhavam
Os gregos antigos
Nos idos de março

Calotas polares
guardam
memória gelada da Terra

Passam-se os anos
sol de inverno
ouço barulho nos canos

E uma cratera no asfalto
desterra
nossos segredos cotidianos

ALBA DURÃES

C O R P A F E T O

ela nasceu queda de água
ele, orvalho.
gastaram desejo
um em ser o outro
e vice-versa,
querendo ser nascente
e inundar cidades.
em vão.
não se foge do que se é.

quem nasceu borboleta
jamais será hipopótamo.

as cores de uma asa
camuflam-se em leveza.
a paquidérmica pele, o susto.

o frágil se desfaz feito nuvem passageira.
o impenetrável-quase afugenta.

a beleza do permanecer ou desfazer-se
deveria jamais ser comparável.

água ar éter fogo terra
são os elementos clássicos.
sou isso e contemporânea –
tenho toc.
mais! sou intensa,
tenho cot.

ALÍCIA TEODORO

C O R P A F E T O

Os olhos atentos observam
gotas de chuva entrarem
pela janela entreaberta
aromas de folhas e terra molhada
corpos dançam por entre lençóis
a música das telhas invade os ouvidos
orquestra anuncia manhã melancólica
brisa leve envolve o corpo quente
esfriando planos para um dia produtivo

Respiro sua ausência
deixo-me infectar pelo aroma da saudade
que exala por todo o ambiente
úmido de tristeza
devora-me pouco a pouco por dentro
vejo uma fotografia nossa em cima da cômoda
foi tirada numa época em que podíamos nos abraçar

mal a gente sabia
meses depois daquele dia
um maldito vírus viria
silenciar nossa alegria

Ainda bem que temos a poesia
para aproximar-nos
conecto meus versos aos teus
e juntos provocamos aglomerações
de sons, imagens e cores
sensações múltiplas e sabores
distancio-me do mundo
infectado e triste
para viver este momento
instante prazer empolgante

Dissolvo-me em cada verso
movimento suave em ondas lentas
dispo-me em páginas um livro aberto
movimento suave em ondas lentas
Escrevo palavras te invoco pra perto
movimento suave em ondas lentas
a cidade declama o rito deserto
movimentos suaves em ondas lentas

E agora por perto
ligados por versos
fugimos do certo

Movimentos suaves num mar aberto

ALZIRA ALICE SOUZA

C O R P A F E T O

VONTADE

ALZIRA ALICE SOUZA

Os segredos que habitam
Meu ser, meu querer,
Forjam desejos...
Mas não tem calma,
Tem vontade curiosa...
De perseguir a luz
Caminhar o caminho!
Então vem o escuro calor
Depois o êxtase!

A água desce pela cabeça,
Banhando o corpo, como as pedras...
Como o cheiro do verde,
Como imagino tua boca...
Como não te tenho, te imagino.
Como não te tenho, te esqueço.
Pensei que esquecia, mas ia e vinha,
Nova vontade, que triste...
Sem piedade.

O tempo te afasta
Como coisa nefasta
A horta da minha vida
Está com a porta aberta,
Então aduba, afoito!
Une teu coração ao meu!
O tempo te afasta,
E a vontade passa!

POEMA DA DISTÂNCIA

ALZIRA ALICE SOUZA

Ora...
E se tiver uma montanha entre eles
Ora...
E se tiver um mar entre os outros
Ora...
E se tiver um céu entre os crédulos
Ora...
E se tiver um sol entre obreiros
Ora...
E se tiver uma galáxia entre nós
Ora...
Quer-me covarde ou herói?
Eu serei os dois... em um...
Ora...
Não clame ... nade e atinja a outra margem
A brisa vai alcançar sua sombra
Ora...
Telas, paredes, salão, corredores, o pé... e a mão
Abraça teu coração e beija tua imaginação
Ora...
Ora bolas... se enrola
Se viral, gripal ou casual...
Ora...
Ora bolas... se isola!

Mulher com alma de menina
Menina com charme de mulher
Se fosse do mar, seria a pequena sereia
Se fosse do ar, seria bem-te-vi a indagar
Pelas coisas da vida
Se fosse da terra, seria crisólita
Pelo sonho irradiando luz e destemor
Está sempre a viajar, e segue,
Nem sempre pronta para o amor ancorar
Procura o dom
As cores do mundo
Os sons dos corações
O rufar dos tambores das paixões
Folha e fluída se vai, vagueando.

— ANA CLARA MOLINA RAMOS
C O R P A F E T O

Stop!
Foi a vida que parou.

olhou
esperou
imperou
alterou
gerou
ignorou

Mudou?

RECOMENDAÇÕES

ANA CLARA MOLINA RAMOS

Inserido no seu ambiente instável
(o singular almo da residência)
Ligo qual aparelho? – Paciência!
Só pedimos para ser adaptável.

Mantenha o microfone desligado
para não escutarem sua família.
Não reclame de nada em demasia,
tudo precisa ser avaliado!

Não peça para mudarem o horário
porque você tem muito trabalho.
Não pense em arrumar qualquer atalho,
você deve seguir o itinerário.

Perguntam: como está o aprendizado?
– Foi bem fácil me manter conectado.

EPIFANIA DA EVOLUÇÃO

ANA CLARA MOLINA RAMOS

Contemplo o projeto:

Chuva x Enchente.
Contato x Lotação.
Visita x Trânsito.
Ar x Poluição.
Calor x Queimada.
Gramma x Asfalto.
Animais x Zoológico.

Da pequena janela,
contemplo o real:
Tudo se prende!
Tudo se perde!

Da pequena janela,
contemplo o normal:
Falta humanidade!

NA PRISÃO

ANA CLARA MOLINA RAMOS

Deitada no chão e no teto
Desperto no tempo e espaço
Entre objetos, eu dejeito
– cadê liberdade? Faço.

Fragmentos tão fragmentados
Sem nenhuma sanidade
Todos aprisionados
– Um prazer, Humanidade!

Mundo fatal da loucura
Transformada arma em caneta
Presas, leitura procura
Curta, escrita-maçaneta

— ANA ELISA RIBEIRO

C O R P A F E T O

após a cortina azul, não um céu azul
: a grade que quadricula uma nesga
de céu nuvem ameaça de chuva
enquanto todos estão prestes a um
choro convulsivo em suas salas de estar

animais presos atrás de portas chaveadas
: o inimigo vem no ar
nem adianta o amor
que não é páreo para a natureza

após a cortina azul desbotado
a faixa de muro e musgo
a impedir a visão da rua
onde também ninguém há

se vivem, estão no sofá
ou pensando no que comer
ou lavando as mãos obsessivamente
até que a raiva se transmute em medo

atrás da cortina azul puída
uma parte do mundo que se parece
afinal com todo ele
: onde erramos tanto?

inutilmente, cinco ou dez conhecidos
publicam poemas em páginas abertas
na esperança meio ingênua
de guindar o medo e torná-lo
efemeramente em serenidade

LISTA DE DESFAZERES

ANA ELISA RIBEIRO

Três abraços: da avó,
da mãe e do aluno,
que também não virá
enfrentar esta sala
onde hoje, além das lêndas,
habitam apenas nossas ausências.

Escolher maçãs e uvas
no mercado da esquina
à espera de encontrar
algum paraíso entre as frutas.

Por ora, não iremos;
e as frutas permanecerão
sob a placa de *perigo*.

Evitar as mãos das pessoas,
mesmo que pareça grosseiro;
e as mãos são agora
como flechas envenenadas.

Os beijos ficam
para a próxima encarnação.

A poeta toca com os dedos
uma palavra
em outra língua;
toca com a língua
outra palavra,
quase a mesma.

Não é a mesma?
É, ainda. Ou quase.
E apenas se aproxima.

Um sentido travestido
de outros sons:
na captura impossível da rima.

— ANA LUÍSA ALBUQUERQUE
C O R P A F E T O

Eu, que sempre me joguei de cabeça, agora me vejo com o pé atrás. Algo cresce em mim. Um desconforto que me toma a espontaneidade das coisas. Peso as palavras e não digo nada. Meço os movimentos e não faço nada. Penso demais. Pensar corrói. Sinto demais. Dói.

Chegou manso e foi ganhando espaço. Quando vi, já tava ali. Todo dia. Tinha a minha atenção e o meu sorriso. Fui boba. Acreditei em palavras. Palavras escondem intenções. Fingi que não percebi. Deu certo por um tempo. Depois doeu. Aquela dor que te faz não colocar a mão no fogo de novo. Não coloquei. Palavras escondem intenções. Não acredite nas minhas.

Chorei quando cortaram a árvore, mesmo sabendo que já não havia espaço para a raiz se firmar. Mesmo sabendo que apodrecia por dentro, que tombaria a qualquer momento. Chorei. Ainda existia a sombra, que guardava com carinho, daquilo que um dia foi. Agora, não mais.

É tudo muito simples. O crescimento é lento. Não se muda de uma hora para outra. Ainda há de florir e, quem sabe, render frutos. Também há de secar e cair ao chão. Não se preocupe, continuaremos crescendo. A vida é cíclica. A morte também. Nenhuma flor é em vão.

Remédio dos remédios, o tempo faz seu trabalho. Quando penso no passado, já não me dói mais. Deixo-me enganar pela memória afetiva, atrevida a relevar toda a nossa estupidez. Pior. A viver de nostalgia. Memória traiçoeira. Tanto quis te transformar em poema... Que toma aqui esta poesia.

— ANA PAULA DACOTA

C O R P A F E T O

Há uma invisibilidade que me fortalece
ainda que eu chore
Convicta estou de pertencer ao meu lugar
Se caio ou desmorono
luzes de lembranças aquecem meu ser
Enigmas precisam ser desvendados
com desvelo
Sou rosa que não precisa murchar
Onde estamos quando chegamos lá?
A casa vazia não é sempre uma alegria
Para que precisamos tanto repousar?
O dourado do entardecer banha o sonho
de voar.

num retrato antigo
a menina do passado que
sonhava ser escritora que
escrevia
nas paredes
que escrevia
em todos os lugares me
fita

se ela fosse Clarice
escreveria nas paredes
das casas das pessoas
e achariam lindo como
não é
se escreve,
pixa?

UM COPO DE CLAUSTRO

ANA PAULA DACOTA

um copo de claustro
pra segurar mais vida
uma pérola que retorna
ao interior da ostra
dormita seu brilho
vomita seu casulo
bebe do seu muro
até tomar consciência
do grão de areia
que é sua essência.

se queres adentrar
meu jardim
converta-se em criança
ajoelhe-se na terra
deite-se no chão
olhe o mundo de
baixo para cima
rasteje junto às formigas
observe-as entrando
no subterrâneo
onde a vida acontece
depois vem cheirar
as flores e lambe
o orvalho que a noite
deixou nas pétalas

④QUELA NUVEM DE DADOS QUE
PASSA L④ EM CIMA SOU EU

ANA PAULA DACOTA

na er@ pós-pós modern@
pesso@s chegam
pessoas v@o
por fibr@s ótic@s
por ond@s
muit@s sem étic@
ninguém s@be seu nome
só seu *nickn@me*
nos dedos, dispositivos
d@dos e m@is d@dos
s@o cri@dos
@rmazenados
milh@res de cliques
zilhões de bytes
conect@dos
tantos cont@tos
sem cont@to
diz?
diz!
diz...
conect@dos
&
solit@rios
ZZZZZZZZZZ

— ANDRÉIA OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Na labiríntica cidade
girafas vermelhas
invadem praças
e a lagoa.

A diva loira
entoa cânticos
espalham-se sorrisos
e flashes.

Pessoas atravessam ruas
purpurina cai pôr-do-sol
incendeia minh'alma.

Mito, rito
um tiro
O que será da diva?

Palavra

Palavra dada

talhada

Palavra gesto

professa

Palavra culta

pulsa

Palavra avulsa

flutua

Palavra vai

circula

volta

Palavra gira

brinca

corre

Palavra

Átimo cruel espalha
lamento
No abismo cresce
húmus cinza
“Os ombros não suportam o mundo”
rogam ao Infinito
Acalantai o espírito
cada vez que se movem ausências.

VOCÊ

ANDRÉIA OLIVEIRA

Você tão
kamikaze
absortamente sufocado
em busca de si.

Você tão
estimado
se tem por ignorado.

Você
tão unicamente
Você.

21 PRAIRAL II

ANDRÉIA OLIVEIRA

Não vejo a diva, vejo poses e flashes,
mas ela está ali certamente.
E o acaso talvez possa acordar
nos sentidos adormecidos a luz
de ouro a flor de neve o som de seda o olor de alegria.

— BEATRIZ APARECIDA

C O R P A F E T O

por trás das lentes desses óculos
se esconde a música triste de joão gilberto
cruzam-se no lócus memórias entrelaçadas com saudade
almas casadas longe do universo e cada vez mais perto

sente-se o caminhar suave de um felino sobre a bruma
na madrugada perdida entre céus e universos
um casal baila entre as pedras como se fossem plumas
e o espetáculo estelar encanta a mil olhos diversos

ode ao que não se vê
dizem em “palmas! magnífico”
o que as sereias dizem em canto

explode o que não se explica
navega-se nos mares do prazer
o que alguém lá deixa em pranto.

(A TRISTEZA NUNCA FOI
PORTA DE ENTRADA)

BEATRIZ APARECIDA

poema tímido, secreto, ruim de propósito.
falso_sincero_inexato_um erro
pede pra sair de vivomortoacordado
pruma existência que só abre espaço-gueto

rimar faz sentido quando ninguém vê.
as horas correm noite e nada escorre
o medo da sombra que vejo embaçada
performando tudo que eu não posso ser

o poema é um ímpeto do corpo.
me ilha a mente, acorrenta o pé (e não sai)
transe o chão peculiar das madrugadas
em que eu erro a horadose de café

parar de sentir influências que eu não pedi.
me corroem do nada, pega de surpresa, afogada
tentando cortar sozinha no passado escuro
raízes distantes que se esqueceriam de ir

amanhecer dualístico, traiçoeiro, imprevisível
responde a noite ao esconder.
levanta quente, seca o olho, pé frio
nasce pra não se esquecer:

a insônia é o pesadelo de doentes
da doença do a-auto a-alívio.

paro, em propósito súbito
e me sento num banco da avenida amazonas
chocada com o que vejo.

é a mesma cena que vi por anos
e por alguns segundos
me esqueci que está tudo
vazio.

(não tem 33, nem 66, não tem rios de gente atravessando a praça 7)

mais súbito que o meu súbito, não tem nada
nem mesmo banco, caí no chão.
é claro que nunca tinha visto um banco
nessa parte da avenida amazonas.
andei por lá durante anos.

ano vai ano, um passou em branco
e voltou cinza.
as pessoas, como eu,
desaprenderam a andar
sem se confrontar com a vista
andamos por lá, andei por lá, andai por vós.

e o ônibus me leva
e eu levo o ônibus
e ninguém sai do lugar.
primeiro contato, destino marcado no papel pra não perder
(recém-chegado tem que aprender)

as ruas da cidade me cortam em mil cruzamentos
e sintomas de amor tomaram conta de uma eu pós-existente com luzes, ares e nenhum pudor.

como se esse rodar movesse engrenagens mais profundas

que meu peito:::

— BERNARDO FALCÃO

C O R P A F E T O

Vós, amáveis Serras Gaúchas, vós, cidades do Sul
Planícies alagadas do Pantanal, imensa Floresta Amazônica
Vós ficareis.
Falésias multicores do Nordeste, cerrados devastados de Goiás
E vós, cidades vermelhas de Minas Gerais,
atravessadas por estradas de ferro
Por que não deveis ficar?
Também tu, São Paulo feita de muitas cidades
Laboriosa sob e acima do asfalto, podes ficar, e vós
Portos fluminenses, vós, cidades fervilhantes
Do sudeste, vós ficareis, e vós, cidades desflorestadas
Cobertas de soja, a olhar para o leste ficareis também
Apenas a escória de militares e políticos conservadores
Apenas os milionários e especuladores
Apenas os latifundiários e exploradores devem desaparecer.
Céu e Terra juntamente com tudo que foi realizado pelo homem
Podem ficar, mas
A corja dos corruptos da nação, isto
ficar não pode não.

OUTONO

BERNARDO FALCÃO

Uma manhã nublada e fresca de outono com folhas secas espalhadas pelo chão. A tarde parece mais longa e traz um tom avermelhado que atravessa a janela da sala. E no fim do dia, a despedida da luz do sol prenuncia a noite de céu anil. A união das cores do outono com o seu cheiro suave e o som doce da sua voz eterniza esse momento. A felicidade invade o meu ser, porque você está deitada ao meu lado com o sorriso emoldurado pelo rosto delicado. Talvez o AMOR tenha sido evidenciado pelo mistério do outono, naquele dia perfeito que ficará guardado no centro das saudosas memórias que são mais preciosas do que o pote de ouro no fim do arco-íris de sete cores, enfeitando essa estação do ano.

ESCONDE-ESCONDE

BERNARDO FALCÃO

Onde o AMOR se escondia? Seria nos desencontros da vida? Em nós, o AMOR nasce, renasce e se aconchega; pois, quando descobrimos que tudo o que sentimos tem nome, abandonamos o medo que paralisa e abraçamos esse sentimento até a eternidade.

CAMILA DIÓ

C O R P A F E T O

Todo dia a vida recomeça
e à noite jantamos a travessa
da pequena odisséia cotidiana
que a tarde depressa cozinhou.

Como tudo, limpo o prato.
Canibal devoro o dia num
assassinato.

Somos feitos da poeira das horas
e amanhã, outra narrativa:
O hoje vira outrora!

Sabei-o, é nas areias que o tempo
já levou, que moram todas as
histórias.

Subir ladeira/descer ladeira
é a saga do mineiro
em dia de descanso
ou de feira, segunda-feira
é o dono do morro
está sempre na beira

o mineiro diz que tudo
é pertim, mentira! Em Minas
e seus morros, eu mineira subindo
que o diga:– Eu morro!

E mineiro que é mineiro
tem a batata da perna firme
malhada na colina
e dor só na coluna
sente, até o jovem que se apruma
num dia longo de pura
– em pé, sentado, dormindo e de lado
má postura.

Em casa de mineiro não falta
um cafezim, passado de manhã
ou também à tarde, quando manhã
já é passado, se você chega ou
é convidado.

Os bares de Minas estão sempre
cheios, é bar que não acaba mais
e todos conhecem um boca de gole
que fica tonto, mas cair, jamais!

Minas tem o melhor queijo
isso é indiscutível
Para toda Minas: Um grande beijo!

Estado indescritível
e mesmo que eu o tente
com alguns versinhos
insuficientes
Do pouco não duvidem!
Poeta não mente!

Desejo que a divindade ao seu lado
te aninhe nos braços e nine,
cante para você num sussurro
uma canção docemente e
que te traga a paz que você merece.

Que ela toque seus cabelos
lhe afagando, que te balance
no colo, num vem e vai lento
dissipando toda a sua dor
e que você durma em paz.

Queria acima de tudo, antes de tudo
que você tivesse tido todo o amor
que merecia
que tivesse a mínima quantidade de amor
suficiente e capaz de salvá-la.

Queria que você não sofresse em silêncio,
que suas angústias palpitassem em todos
e que todos sentissem sua tristeza solitária
e secreta, repletos de empatia.

Que algo ou alguém fosse capaz de te ajudar
a superar o seu martírio.

Que fosse hábil ou que lhe dessem a habilidade
de enfrentar os dragões
que a vida lhe deu para combater.

Queria eu ter podido recolher
todas as lágrimas que chorou escondida
ou se obrigou a reprimir
e transformá-las em um elixir especial para
molhar sua fronte lívida,
numa tentativa de trazê-la de volta.

Queria que o mundo fosse um lugar melhor para você
Queria que a vida fosse minimamente tolerável para você
Queria que as pessoas e eu tivéssemos
tido mais consideração por você.
Queria ter uma fotografia de nós duas sorrindo, num porta
retrato sobre o meu rack e que eu tivesse a capacidade
de olhar para ela sem verter todas as lágrimas do mundo
numa quantidade que só não seria maior
do que as que você chorou sozinha.

O poeta deixa migalhas
por onde passa

Talvez
como João e Maria
numa tentativa
de encontrar um caminho
de volta, talvez sem volta
re-volta.

Migalhas das quais os
pássaros se servem.
Na floresta das coisas
não ditas, mas ocultas
nos meandros das palavras.

Talvez não sejam migalhas
e sim pistas
talvez não pistas
e sim rastros
Talvez não rastros
e sim deslizos
talvez não deslizos
pois o caminho é bom
mas áspero

Pois quem é que dita
as regras? eu é que não!

Então talvez seja tudo isso
e mais um pouco, talvez menos!

talvez poeta não tenha juízo
e sim inspiração
talvez não inspiração
e sim erudição
talvez não erudição
e sim clarividência
talvez não clarividência
e sim loucura
talvez não loucura
e sim dor ou cura

Talvez seja tudo isso e
mais um pouco, talvez menos!

Talvez um dia terei as
respostas na ponta da língua
que darão um salto mortal
da boca para o mundo.

Mortal, sim senhor, mortal mesmo.
Pois sem um pouco de mistério,
não estaria morta a poesia?

Queria ter o dedo verde
para no verão plantar laranja
pra matar a sede!
Mesmo não o tendo,
ainda tenho algo de planta,
Sei das minhas raízes:
Debaixo de minha
folhosa franja
carrego as cicatrizes.

CAROLINA SILVA

C O R P A F E T O

Olho-me no espelho
Minha visão fica turva
E em um doce devaneio
Imagino o que eu poderia ser,
O que eu poderia ter,
O que eu poderia conquistar.
Mas... o que realmente vejo
São olhos fundos e ombros cansados,
Cansados do peso do mundo

Por que escrever me deixa tão ansiosa?
Não ousaria ter um diário,
Pois seria demasiado egocêntrico.
Não ousaria compor uma canção,
Pois nada sei de amor e assuntos do coração.
Então o que resta é me anestésiar em histórias alheias,
Inventadas...
É o único tipo de droga que experimentei e ousei me viciar.
Ao passar as páginas ou observar as cenas
Entorpeço minha mente
E vivencio um misto de emoções
Sentidas pelo ser que tangencia a realidade e a ficção
Torço para não me identificar
Com o ser espelhado
Pois, assim que o livro se fechar
Ou a tela se apagar;
Um enorme vazio tomará conta do pouco que restou de mim.

O que sou agora?
Enxergo através de outros olhos
Através de uma tela
Através de uma página
Será que sou real?
Ou sou apenas um eco
daqueles aos quais enxergo?

DALVA SILVEIRA

C O R P A F E T O

BR OU CÉU?

DALVA SILVEIRA

Acordo!
Ainda é madrugada...
olho para a vidraça:
a BR já está cheia...
porque os Homens correm,
se um dia ficarão parados?
Desperto!

Olho para o céu:
vejo uma linda lua
e uma enorme estrela
Volto para a cama
e sonho que sou eterna,
só para ver o brilho
desta última cena!

Num almoço
com sabor
de amor
O brócolis é uma árvore
Sento à sombra
Sinto uma brisa
Com(o) o peixe entre
tomates e cebolas,
que mais parecem flores
no gramado verde
de salsinha
A batata é sempre doce,
e a alface, esta
me enche de esperança!
Volto a ser criança
A língua nos lábios
O sorriso nos dentes
Me sinto gente!
Comi tudo!
E repeti,
e repeti...

ABRINDO O PRESENTE

DALVA SILVEIRA

A velhice e a infância
São duas idades bonitas!
Nascemos com a inocência
Buscamos a sabedoria...
O que fazer com o embrulho?
Abrir o laço de fita!

A aurora é o grande presente
Ainda estamos em casa
O poente é fruto da estrada,
de insistente vigília
de plantar sementes
de criar várias famílias!

Eu quero experimentar todos os sabores
Enxergar todas as cores
Extrair o que for bom até nas dores
E depois de atravessar todas as pontes
Quero ser digna de todas as flores!

Saí de casa
Quanta tristeza...
Nas caras dos mascarados
Que não podem ser abraçados
Tá aí um clima de frieza...

Vi olhos amedrontados
Alguns loucos!
E poucos tentando sorrir!
Será que sentem vontade
De beijar... os pais...
Antes que eles possam partir?

Penso: onde isso vai parar?
Dá desespero!
Terrível sensação!
Sem ação, volto para o lar:
Escrever como salvação?

Fecho os olhos
Navego, sou barco à deriva
Nas asas da Recordação
Viagens, encontros, festas
Passa um mar e com ele a imensidão...

Abro os olhos molhados
Estou no quarto,
Num trabalho de parto,
Expulso a dor ou me infarto!
Acordo e estou viva!
Ainda há tempo para a poesia!

Para sonhar...

Coronavírus
Quantas questões!
Quase chego à exaustão!
São tantos objetos, projetos,
Que perderam a razão...

“Fique em casa!”
Essa é a ordem em todos os cantos!
Quanta coisa da noite para o dia está ociosa?
O que nos resta? Somente prantos...

Tudo é dúvida, estou no ar...
Só com o tempo
Talvez, ou nunca, iremos acordar...
Só resta nos cuidar...
Já que o povo nunca existiu para os marajás

Então, enfeitei meu lar
E, apesar do *home office* exaustivo
A me incomodar,
Às vezes paro para rimar

Passarinho, borboleta, arco-íris,
Flor e mar
Qualquer imagem, viagem...
Que possa me libertar
Dessa dor de pensar!

DENILSON SILVA

C O R P A F E T O

SOBRE A DENSIDADE DAS NUVENS

DENILSON SILVA

À beira do abismo,
cataclismo epidêmico.
Mãos distantes rogam
e revelam segredos.
Não se tem o amanhã,
o outono já passou
e do agora só resta
o inclemente ponteiro.
O que faz a queda
com o pulso do corpo
do próprio oleiro
da rocha de pouso?
Entre paredes severas
posso ainda entalhar,
vencendo a ferrugem, janelas de sol.
São vivas pálpebras
tateando rostos,
improvável nitidez,
mergulhada em nevoeiro.

Com histórias inglórias,
ergue-se um Olimpo.

Fomes, batalhas homéricas,
acumulam martírios.

Em tempos sempre instáveis,
versos, cantos, absinto

e vãs promessas estoicas,
não dizem o que sinto.

Há virtudes memoráveis,
fartos campos de trigo.

E peçonhas compulsórias,
por torturantes caminhos.

Há pessoas libertárias,
guilhotina de fascismos.

E tradições inesquecíveis,
línguas, lábios anímicos.

Em quarentenas diaspóricas
viajo, desde o princípio.

Heterônimos maleáveis,
completamente, finjo.

Veredas, cortinas feéricas
com fibras de realismo

ou lavoura antimetafórica,
braços, arados líricos.

Sopra a balança babélica:
Pasárgada
ou poeta
maldito.

Coisa desajeitada
sem nome me acomete
vez toda que respiro
as ruínas de um colégio
convertido em mata atlântica.
Um monumento maia
pelo som de pássaros engolido
na distante Yucatán
com suas sombras coloridas
sedimentos, escadarias, painéis, frisos.
Sou também musgo, barro, folha das alturas
adormecendo entre minérios e mistérios,
mil adagas ainda fulgentes
sob o pesado silêncio de tantos sonhos e vivo
desejo de comunicação.
Em sua solidez decadente o colégio renasce.
Desamparo e vibração fustigam desavisados.

GLOSSÁRIO

DENILSON SILVA

AMAZÔNIA

Verde seda em chamas,
vozes de fumaça, exílios.
Terra, seres, estrelas,
espadas de sal pelos cílios.

MILÍCIA

Bárbara civilização
observa obscena
de seus palácios moralistas
despenhadeiros de fogo.

MISOGINIA

Desde tempos míticos,
cabe a uma das partes
tabus da costela, que nasce
com as máscaras fálicas da tribo.

RACISMO

Melanina, morfologias
estruturam visões, versões d'aversão
e tudo resseca, tudo divide, tudo cega
rúbeo oceano, *outros e nós*

TEMPO

Por enquanto,
ainda nascem crianças
e morrem tiranos.
O destino das águas
é irrefreável.
Entre duros punhais
vai uma flor, navegando.

Que venham a ceifa e a tempestade,
mas serenamente, sem causar alarde.

As horas cultivem olhares, orvalhos,
leves fios aéreos, mais que grisalhos.

Reverbere a linguagem o âmago do ser
nos pequenos mistérios do não saber.

E que se faça luz no mormaço da selva,
mas sem ofuscar outras cores abertas.

— EDILAINÉ DE TOLEDO

C O R P A F E T O

PINTURA DO AMANHÃ

EDILAINE DE TOLEDO

Nas cores do presente,
Eu desenho o que ainda não veio,
O que ainda não construí,
O que jamais vivi.

Na imagem que a mente cria,
Surge o retrato que se espera
De um hoje bem vivido,
De um ontem bem lembrado.

Com a tela da esperança
E o pincel da ousadia,
Eu invento o que anseio
E recrio o que aprecio.

E neste emaranhado colorido,
Ainda que quase desconhecido,
No rascunho da arte da vida,
Surgirá minha obra-prima...

O espelho me encara...
E mostra, além de mim,
que meu tempo tem mais valor quando estou presente nele,
que enxergar bem é ver com os olhos da alma,
e que meu reflexo nele não é, de fato, quem sou em essência;
e que se ver, de verdade, vai além de encará-lo diariamente...
Aliás, nenhum de nós tem ainda a profunda coragem de se olhar e se reconhecer, sem medo ou insegurança, sem expectativa ou qualquer esperança, do que outrem pode achar ou julgar...
Quisera eu ter a desprendida lucidez que um espelho em seu estado estático nos projeta quando reflete a imagem que julgamos ser nossa...
E assim liberar essa coragem nata que adormece em nós de nos vermos por quem somos, sem filtros...

Bate... Pulsa... Bate... Pulsa...
Marca meu compasso.

Anda... Pisa... Anda... Pisa...
E cadencia meu passo.

Não passo meu passo num passo descompassado:
Passo apressado desmarca o traçado,
E meu passo pausado encanta e suaviza o compasso...

Meu coração só pulsa transpassando o passar
Dos meus compassos!

Porque, assim, ele sempre marca meu passo
Enquanto eu com ele pulsar...

Em mim,
Em ti,
Em nós...
Daqui,
Dali,
Lá e ali...
De dentro pra fora,
A qualquer hora,
Rápido ou sem demora,
Breve ou com pressa,
Sem que me veja ou se despeça...
Da direita pra esquerda,
Ou vice e versa?
De cima pra baixo,
De baixo pra cima,
De dentro pra fora
E de fora pra qualquer lugar...

Tramitações... Vinculações...
A pé,
De carro,
De van,
De bike,
De caronas combinadas e inesperadas,
Em idas e vindas, formais ou informais,
Que circulam e transitam, continuamente...

De perto pra longe, ou distante e sem fim?
De um passo pro ônibus,
Do ônibus pro trem,
Dos trilhos pro metrô,
Do metrô pra rua,
E da rua pra qualquer lugar ...
No ar, na terra, na água
Na chuva, no sol
No vento, na brisa...
Do dia pra noite,
Da noite pro dia,
Madrugada adentro,
Na presença da lua, das estrelas
Ou do que estiver por lá...

Interligações...
Entre bites e bytes,
Teclado e mouse,
Áudio e vídeo,
“Zap Zap” e Face,
E-mail e Insta,
Papel e lápis,
Bloco e caneta,
Em ciclos diversos e versáteis de simbiótica comunicação...

Uniões...
De olhares,
Gostos,
Cheiros,
Toques,
Sons,
Mãos,
Abraços...
Bocas,
Pele,
Corpos,
Almas...
Sentidos e
Sentimentos
De vidas:
De mim pra você,
De você pra mim,
De nós pra todos,
Sem importar onde,
Quando,
Como,
Com quem
E nem o porquê...

Pois em um átimo de tempo,
Tudo se dissipa e se refaz...
O mundo flui num ciclo atemporal,

Que se move adiante, atrás e à frente,
Tão ágil quanto lento, e caminha
Em fluxo contínuo, realinhando conexões...
E entre encontros e desencontros,
A linha tênue que nos movimenta em diversos formatos e
[situações,
Seja de modo concreto, abstrato, eterno ou efêmero,
Ainda que entre o bem e o mal,
Em dado momento, lançado de um segundo ao infinito...

Cria,
Estabelece,
Simboliza,
Contemporiza,
Reconhece,
Resiste,
Aceita,
Funde e
Materializa
O que somos em:

Singulares...
Coletivas...
Marcantes...
Transformadoras...
Epifânicas...
Transgressoras...
E
Ininterruptas...

CONEXÕES...

FRANCISCO VIEIRA

C O R P A F E T O

Antigamente era lento,
estático, artesanal.

Neste tempo,
lembro da minha infância
Pipas, Bola de meia,
Peteca, Bola de gude,
Pique esconde, Cata-vento,
Máquina de escrever, Carimbo,
Amora, Pitanga,
Manga, Goiaba,
Jambo, Carambola,
Jardim de infância, Lápis de cor,
Máquina fotográfica, Rádio de pilha,
Vinil, Fita cassete.

Hoje tudo é moderno
veloz, dinâmico, tecnológico.
O que vejo é transformação
Disquete, Pendrive,
Micro-ondas, Smartphone,
Notebook, Rede social,
Wi-fi, Drone,
E-mail, internet das coisas,
Biometria, Chip,
Impressão 3D, Inteligência artificial.

No momento,
passado e presente
se esvaem perante minhas retinas.

Quando me lembro,
Emociono,
Choro,
Penso,
quanta água em um só lugar.

Tudo se transforma, e vejo
Sol,
Lua Cheia,
Ondas quebradas,
Concha,
Castelo,
Estrelas,
Navios,
Submarinos,
Areia,
Pescador,
Sereia.

Guardo essas Memórias
da minha infância,
sem o Mar.

Fica dentro da cidade,
traçado geométrico
onde vejo
pessoas,
Ipê Rosa,
Palmeiras Imperiais,
Azaleias, Rosas,
luzes,
Sabiás aqui já não cantam como lá!

Na Praça
caminho,
namoro,
socializo,
proseio,
canto,
danço
e até aprecio
a Arquitetura e as curvas do lugar.

Na Praça,
tudo se transforma em arte
Villon, Dierberger
Eólo, Niemeyer.

Na praça
Cultura, História,
emoções, lembranças,
sonhos e desejos
se encontram em um só lugar.

GIOVANNA LECCA

C O R P A F E T O

Sobre amar:
O amor é inevitável
Ele sempre está no ar
E você sempre está vulnerável

Nós morremos de amor
Mas continuamos vivendo
Suportando essa dor
Que só vai crescendo

O amor é fogo que arde sem se ver
E está ardendo agora
Talvez você veja
Mas prefere não dizer

Fingir que não sente
Pode ser melhor
Porque a rejeição
Causaria dor maior

E o meu coração grita
Chama pelo teu nome
Mas se cala
Enquanto minha cabeça te evita

A timidez impede
De dizer, não impede de sentir
Mas de que adianta sentir
Se sem saber do meu amor, você vai
partir?

E quando duas bocas não se encontram
Em um beijo
Dois olhares se cruzam
Numa intensa realização de um desejo

Mesmo quando correspondido
O amor causa agonia
Pois, se algum dia extinto
A vida volta à normal sintonia

Um sentimento reprimido
De repente expandido
Não cabe mais no peito
Pronto, um “eu te amo” foi dito

O medo de não ser respondido
O arrependimento por ter dito
A leveza de se soltar
E o prazer de se permitir amar

De repente presos
Sem sair
Somos indefesos
Não sabemos reagir

Um ser
Tão pequeno
Nos fez estremecer
Sentir falta do sereno

Beijos e abraços
Antes tão distribuídos
Agora proibidos
Só nos resta o vazio dos espaços

Ruas vazias
Mentes lotadas
Estradas sem companhias
Pessoas estressadas

E agora a compaixão se faz essencial
O amor ao próximo se faz indispensável
A empatia se torna primordial
E o toque, impraticável

As máscaras calam
O pedido de socorro
Dos que se camuflam

Na miséria do morro
O silêncio avassalador
Seguido por um grito assustador
Da população
Que pede atenção

Centenas de dias
Hipocrisia
Milhões de casos
Descaso
Mais de cem mil se foram
“É só uma gripezinha”, disseram

Presidente
Incoerente
Irresponsável
Inacreditável
Cético
Antiético
O Brasil paga caro
Por esse caso raro
De ignorância
E intolerância
De um governante
Que acha o insulto mais importante

Brasil em desespero
Porque o presidente não é coveiro

— GRAZIELLE BAMBIRRA

C O R P A F E T O

A CAIXA EM CIMA DO ARMÁRIO

GRAZIELLE BAMBIRRA

Guarda-se, em cima do armário
aquilo que não cabe mais no espaço
das vistas, do peito, do quarto.
Coloca-se numa caixa, lacrada
Tudo o que se quer esquecer (mas não consegue jogar fora)

Guarda-se onde não se pode ver
Não vendo, esquece-se de sentir
Não sentindo, esquece-se de sofrer

Esquecimento abençoado (?)
Anuviando os sentimentos que já nos foram caros.

Ouve-se o barulho dos ponteiros
incessantes
implacáveis
perfurantes.
A poeira acumulada faz coçar os olhos, embaçados,
embargados
Destinados a (tentar) olhar adiante

Sofre-se
(Não olhe a caixa novamente)

Lamenta-se
(Esqueça, siga em frente)

Marcham os ponteiros. Desgasta-se o armário.
O processo começa a se tornar mais suportável.
(ou assim o dizem)

A sucessão das luas
esconde a travessura temporal
em suas faces obscuras.
Decai-se a muralha (que antes se presumia inquebrável)
Revelando-a de vidro,
tão fino e tão frágil.

Com cada ínfimo grão de poeira
trazendo o peso das reminiscências do que se tentou tão
[desesperadamente olvidar

(Mas forçar-se a esquecer reforça o processo de lembrar)

(Re)lembra-se.
Abre-se a caixa como um presente há muito ansiado.
Rememora-se cores, sabores, sorrisos e lágrimas.
Lágrimas que fluem, como um rio.
Um rio que limpa,
que cura,
que abraça.

A caixa já não mais existe
Seu conteúdo agora decora todo o espaço,
das vistas, do peito, do quarto.

E então,
somente então,
inteiramente e
verdadeiramente,

guarda-se.

Saudade: palavra criada para traduzir afetos intraduzíveis. Lágrima, que cai ou não, pesando o peito e o papel. Combustível da melancolia. Movimento vago da mão de quem sente. Tentativa vã de desenhar contornos no vazio. Desabitação povoada apenas por memórias. Frio numa manhã de sol. Companhia silente. Solidão mascarada de alento. Aquilo que sobra, quando todo o resto já foi embora.

No escuro, o tato desperta
Sinto todas as curvas
Cada linha do teu alfabeto
Dedico-me a decifrar-te inteira
Como uma melodia em braille

Datilo através dos caminhos
De cada estrela que palmilha teu corpo
Enquanto vibram pulsações simultâneas
De nossas luxúrias e fôlegos

Percorro tuas regiões lubrificadas
E nelas seco meus anseios
Teu corpo, sinestésico
Exala água pura, transpira desejo

O mesmo hálito, os mesmos movimentos
A vida corre lá fora,
Enquanto aqui, paramos o tempo.

LIBERTAÇÃO

GRAZIELLE BAMBIRRA

Às vezes, é necessário partir.
Desprender-se, como a folha que cai
e abandona suas raízes.
Entregar-se a novos ventos,
que carregam o tempo que se esvai.
É preciso achar novas diretrizes,
novos caminhos para o nascer do sol.
O mundo parece mais frio
quando não estamos em movimento.
O horizonte só é limitado pela ausência do descobrimento.
A alma que voa livre
sempre encontra companhia.
Deitada sob o manto azul estrelado
ela nunca estará sozinha.

Escuro
Sinto-me caindo, ultrapassando
O último suspiro
Ouço o leve bater de asas
Levando-me ao meu destino
A fina tela que divide o mundo
de tudo aquilo que já não há
Agora, assemelha-se a um muro
O qual sou incapaz de voltar
Mas não me assusto, não tenho medo
A tranquilidade passeia entre meus dedos
Felicidade corre como brisa
Não vejo dor, não sinto lágrimas
Sinto-me imerso nas flores mais plácidas
Eternamente em paz
Eternamente ausente
Vejo-me livre
Mas preso aos que choram, por mim
Lágrimas preciosas como pérolas de marfim

GUILHERME BORGES

C O R P A F E T O

DUAS ESTRADAS

GUILHERME BORGES

Duas estradas convergem à vista de um viajante
Uma leva ao interior
A outra, ao êxodo

De onde tenha vindo para o caminho
Quanto mais se envereda
Mais perto dos dois destinos chega

Passa por campos e vilas
Passa por si e pelo outro
Atravessa a noite clara e o dia de treva

Duas estradas, uma e outra
Amorosamente convergem
À vista de um viajante

Dois viajantes
Três, infinitos viajantes
Tendo por destino a origem

NAVEGAR, NAVEGAR

GUILHERME BORGES

Navegar, navegar
Ao meu lado apenas os sem-convite
Na imensidão para as distâncias
No tempo da presença
E não há nada além de cada vaga

CONSAGRADO DAS CORDAS

GUILHERME BORGES

Suas mãos lembram sóis
E a dureza áspera da terra dos seus
Suas mãos se lembram das cordas
Das cordas dessa viola?

UM CHORINHO

GUILHERME BORGES

O choro não convém ao homem!
O *whiskey* convém ao homem!
O choro convém ao *whiskey*...

INVOCAÇÃO À CEVADA

GUILHERME BORGES

Pelas fachadas, arandelas e vias da capital
Onde espalha perfume a flor do lúpulo artesanal
Ó, Curral-del-Rei! Ó, Belgique nacional!
Ó, velhas do Rio das Velhas, que banha a Estrada Real
Trazei-me depressa a cerveja segundo a Lei da Pureza
Pois nela darei com certeza um gole fenomenal!

E quando, depois de muitos, tiver de trocar o barril
Perenes sejam as fontes das torneiras do Brasil!

GUILHERME HURTADO

C O R P A F E T O

vi-me de pé
ante meu corpo deitado
o vazio
o silêncio
agustiam meu brado

o presente sentenciou
meu entorno turvo
minha barba de outrora

a ponte levadiça
a ponto de descer
não chora
não quer
não pode mais esperar

o acaso gira
formou-se reta
e dois corpos verossímeis
olham estrelas
enquanto pisam
os últimos cavaleiros

a proposta
é nos prender à poesia
para então livrarmos,
mas quem?

Aqueles que já entenderam a palavra livro
como primitiva de seu verbo
falo em metonímia
falo em livrar-se
amar-se

Para os que não entendem
relevem a figura de linguagem
um soco de mil páginas haverá de ser bem dado

decidi retirar-me da crônica dos jornais
o rumo são os bosques de um lugar ainda desconhecido
que abrigará algum ser carregado de tijolos
tolo levar bagagens pesadas
pedregulhos urbanos
almejando construir abrigo

as folhas
a terra
os galhos caídos
são as armas
para queimar o caldo
vigoroso da morada

Os pássaros cantam
bem como as cigarras
seguindo a mesma lógica serei formiga
A me lembrar
– são estórias vividas

durante caminhada
notei carros
indústrias
pessoas com pressa
e com bocas abertas mascaradas
e desmascaradas
pela ignorância
ou por questões ministeriais

tudo era minúsculo
foi apequenando e confirmando insignificância
dos que clamam economia
em detrimento de uma vida distante
salva dos vermes
vírus
milícias
tiros

A próxima à esquerda
se aproxima.

— INGEMAR GLUBSTRÖM

C O R P A F E T O

FRAGMENTO 29

INGEMAR GLUBSTRÖM

ele varre as flores da paineira...
como quem cumpre seu ofício,
desfaz novamente o tapete rosado
que se tece desde ontem...
resignado,
apaga ainda uma vez as cores
que pintam o chão...
sem saber que é impossível,
recolhe as pétalas
que sustentam nossa realidade...

FRAGMENTO

INGEMAR GLUBSTRÖM

Os olhos daqueles que amo,
o calor daqueles que me esperam,
a terra de que sou feito,
a história que meu corpo testemunha.

No regresso, busca.

VELHA SENHORA

INGEMAR GLUBSTRÖM

a saudade vela
e não cabe
chama

LITANIA PASSARINHA

INGEMAR GLUBSTRÖM

Bem-te-vi, bem-te-vi,
canta lá, eu aqui...
Como raios de Sol,
dizes "olá" e eu, "senti".
Tece a manhã, bem-te-vi.

Sabiá, sabiá,
canta e faz vibrar
o meu coração, sabiá.

Sanhaço, sanhaço,
forte no nome,
doce no passo...
Entre duas tempestades,
em próprios ritmo e compasso,
fizeste tua música, teu caminho,
como nenhum outro, sanhaço.

Curió, curió,
teu canto me faz dó...
Não, não é pena
nem amargor;
não é tristeza, não é dor...
São essas notas de Verdade
que, no quieto, no estar só,
ecoam essa saudade
que me encanta, curió.

Canarinho, canarinho,
cantaste cedo minha sorte...
Desde pequeno, irmãozinho;
lições de vida, lições de morte;
viver quietinho,
não ser forte.
Cantas ainda, canarinho...

Imensidão...
Nestes vastos ares,
oh! que digo?,
nestes outros mares
em que voo,
em que nado,
o canto vem de sóis,
de estrelas e galáxias...

Ao som dessa luz,
nesse nada em que deslizo,
em que descaio,
das amarras me liberto
e ao encanto me entrego.

Brilha! Brilha ainda mais!

ISA DE OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Olho para o nada
paredes brancas
respondem ao silêncio costumeiro

Ao alto mudanças temporais
sinalizam
que o ciclo da vida continua

Nesse bate-papo
trancado na mente
conversas entre
passado
presente e
futuro se aglomeram

Paredes brancas
manchadas
com a tinta da esperança
guardada na memória.

Poder abrir os olhos
para depois fechar
e mirar os sentidos
ocultos entre meus dedos

Abrir as asas
que os pensamentos
criaram com as palavras

Voar pelo tempo
destemida e algoz

Quando me disseram
que o pássaro não voaria
o céu preteou

Nas minhas mãos
sujas de nanquim
riscos do tempo
de uma cronologia desconhecida

A verdade só se torna real
ao experimentar a
liberdade

Rascunhos rabiscados
na tentativa de um esboço inacabado
a fôrma humana desenhada
entre capas
sem títulos
sem versos
sem rimas
sem defesas
editadas
para caber nas minhas mãos
enquanto cada página esvoaça pelo infinito
livre, livres.

Revise as ideias
colocadas no lugar errado
Revise os caminhos
percorridos antes do motor pifar
Revise os conceitos errôneos
de uma bula inadequada

Corrija
as falhas
os enganos
os equívocos
os erros

Aceite as críticas
Tome uma dose de F7
que está ao alcance das suas mãos

O revisor
não é só auxílio emergencial
Porém, necessário diariamente
Antes,
para que sua obra
em vida
seja editada
do que apagada

Na estante
muitos livros
Nas páginas do jornal
a coluna crítica dizia o resultado:
Prêmio Literário Deletado.

Os de cabeceira
São minhas segundas às sextas-feiras

Os casuais
São meus finais de semana

Os enamorados
Contemplo-os na vitrine da livraria

Os desaparecidos
Emprestados e nunca devolvidos

Os inseparáveis
Não saem da bolsa, da mochila ou do bolso nem para comprar um cigarro

Os pacientes
Sempre na eterna espera do seu momento

Os gloriosos
Conquistaram o leitor

Os marqueteiros
Apelidados de best-sellers

Os esquecidos
São achados nos sebos
Os recém-nascidos
Na maternidade dos lançamentos

Os indesejados
Criticados negativamente e cancelados

Os premiados
Estão em todas as estantes

Os anônimos
Poucos os conhecem e são tão bons quanto os marqueteiros

Livros,
Quem são vocês?

FUTURO DO PRETÉRITO

ISA DE OLIVEIRA

Memórias que insistem
em não serem apagadas

Saudades de um presente
embalado e consumido

Cartas queimadas
para que não houvesse futuro

Flores murchas
regadas a lágrimas

Sorrisos silenciosos
de um sopro do vento no rosto

Meus cabelos esvoaçam
no ritmo do tempo
e
tudo transcorre
como se não houvesse amanhã.

JOÃO BATISTA SANTIAGO SOBRINHO
C O R P A F E T O

NOVE MOVIMENTOS

JOÃO BATISTA SANTIAGO SOBRINHO

Houve um instante.
Agora, por arte reedito,
sua sensação aparece, um ar,
quase um rosto.
Ele chega e é uma vida, então
não o entendemos muito bem, mas
temos uma intimidade,
a rarefeita expressão e,
outra vez uma *hybris*, um amor,
e não mais que uma intensidade,
em suma, uma criação.

A lembrança, eis
que o futuro rápido a empresta,
um outro embaçado filme,
ecrã da interioridade,
lança-se aonde nem os rios vão,
os rios só sabem chegar ao mar, à memória não.

Desde o primeiro segundo
em que ela se nasce morre nos campos.
Mesmo aquecida a forte sopro,
uma intensidade transpira, não se a retém,
ali mesmo onde evapora,
brincam os tentos do havido,
na novidade que os trás
as variadas versões
que o amor insiste em criar,
pois lembrar ele não sabe.

Por certo, à beira de um rio grande,
houve o testemunho de tudo a que este poema
palidamente responde,
cantando o que na lembrança é aurora.

O passado, surdo e mudo,
vai-se esvaindo.

Leva consigo a cóclea:
a música, a água, areia ou
a cifra de cada coisa.

Porém, sócio da alegria
permite por ilusória arte
o trapezista sem mãos olvido-inventar o olvido
sabendo-o subsumido a qualquer forma de alcance.

O que nos afeta, um signo,
multimilionário, uma primeira
e última extra edição,
fulgura o si consigo
a estatuária ilusão.

Nunca se escuta
suficiente uma paisagem,
sentir-se-á tão pouco sua líquida extensão.
Um cisco de areia,
seu amiúde infinito,
não se o desfruta
ou esfoliamo-nos entre as coisas
à maneira do vento.
Saber-se de si é dar um grito.

Perto e longe, o amor, ou à palma da mão
hidrografias divulgam-se em seus cursos
os que riscamos reúnem-se
entre os que chegam em profusão.

JULIANA PACHECO

C O R P A F E T O

ANGÚSTIA

JULIANA PACHECO

ensurdecadora goteja em mim
pincela meus pulmões com verniz sufocante

trava a cancela de minha garganta
incapacita a habilidade de apreensão dos meus dedos

viola meus sentidos, perturba meu olfato
corpo pesado como cortinas de pedra

como se presentindo um aviso que não chega
engole uma bola de ar e poeira de tempo

quanto tempo leva um silêncio para morrer?
quantas horas fazem que paralisei nos minutos?

aos seus olhos eu sempre pareci lerda. agora tudo tomou proporção maior. gosta de acordar cedo e aproveitar o dia. eu durmo tarde penso muito à noite. no entanto vários domingos acordei às oito para acompanhá-lo no café. não gosta de comer sozinho. nessas ocasiões os goles me descem desagradáveis como meu hálito. nunca vê efetivos sinais de iniciativa em mim. irrita-se porque não percebo que está ansioso, é que agrada-me a cama bagunçada. vivo no tempo do agora, ele gosta do amanhã. se ofende quando me vê colocando no mesmo prato macarrão arroz feijão carne cozida e farinha. algumas vezes perdemos o ar de tanto rir. acho que nessas horas somos nós. sente-se um desbravador de mundos quando me apresenta uma música nova. para mim não passa de um colonizador sempre a me impor seu gosto. sente-se exaurido da velha determinação de me fazer perceber o tempo que gasto em redes sociais. eu não me importo sigo curtindo e compartilhando. às vezes sinto as palavras não ditas explodirem dentro de mim e arrebentarem meus pulmões. perco o ar, ele percebe. fica em estado de alerta. me oferece vinho, pega o baralho, me propõe uma jogatina. e me compra calcinhas novas.

Telefonei a Danilo. Não, eu não era autoritária, sentada em frente ao telefone embaralho os dedos, não quero que perceba meu estado pela minha voz e me faça perguntas interessadas que não quero responder.

Desligo e vou regar as plantas, há dias não água a samambaia, assim como eu, ela não morre.

É simpático apesar dos irritantes lábios finos da avó, se preocupa em não tocar em certos assuntos que não aguento ouvir a respeito. Sua passividade me aborrece, fecho os olhos pensando na minha dor nas costas. Talvez ele também desejasse, em segredo, não me ter como mãe, nunca seria capaz de admitir isso, sempre se sentiu culpado por tudo.

Passa um homem de terno e máscara na tv, penso se ele gosta da mãe que tem, se deseja ter uma outra. Sinto-me entorpecida, tento juntar minhas forças, fixo o olhar na gola da camisa do rapaz, os sentidos suspensos entre os tímpanos e o mundo.

Imagino a minha vida se ele nunca tivesse nascido. Volto a me concentrar no almoço, só consigo pensar naquele dia em que tomou meio vidro de xapone para adultos. Carlos foi quem tomou a frente e o levou para fazer uma lavagem no hospital.

JULIO ABREU

C O R P A F E T O

Os tempos pós-tudo serão
(após a quarentena
de silêncios sem silêncio)

apesar do peso
os tempos pós-tudo serão
mesmo na mais alta noite

azuis, azuis, azuis
brancos e azuis
na mais alta noite serão

•

Carros, buzinas
vozerio dos passantes
algazarra nas ruas e abraços

Os abraços, aquela alegria toda
e mais abraços – num só abraço –
Quantos braços, meu Deus, e

pernas e mãos e bocas
e beijos e mais beijos – num só beijo –
Quantos beijos?

Os dias novos, pra lá de 2020
e nosso reboleção descambado
desabando no asfalto

de outros carnavais
de qualquer futebol
em mais um samba-

esquema-novo
da nossa alegria incurável
que tomba troianos & gregos

•

Inauguraremos
uma semana por ano
um descarnaval

– sem parques, comércio
uma semana só
de asfalto sem trânsito:

só você
em algum silêncio seu
ressoando o seu antissamba-enredo

eram arranhaduras superficiais
via as manchas de barro vermelho da encosta
sem nenhum sentimento do pitoresco
mas tinha intuição da sensibilidade

via a broca, como rasgões na paisagem
observava a queimada que tinha a vocação do cinzeiro
a terra, isenta de todos os obstáculos do trabalho:
de nuvens de gafanhotos, tufões, geadas, secas, terremotos...

seu instinto de ação
era inutilizado pelas sentimentalidades emolientes
visões exageradas
deformavam-lhe o equilíbrio das relações imediatas

noções confusas, projetos imprecisos
resultavam na incapacidade de realizar
tentava assimilar os melhores estímulos
a falta de método acarretava uma precariedade

quanta energia mal empregada
coartada pelos vícios de seu aproveitamento
na desorientação dos processos
como quem leva o peso de uma ideia fixa

no desastre das tentativas
goravam as concepções práticas
era a manivela das ordens do dia...
aparecia como encaçada nos astros

— LEONARDO MORAIS

C O R P A F E T O

hipertextos sobretudo serão intertextos que serão conectados hipertextos talvez hipertextos que não serão hipertextos que não serão talvez hipertextos talvez deletados hipertextos talvez acessados hipertextos sobretudo talvez hipertextos talvez intertextos que serão tudo hipertextos tudo intertextos talvez sobretudo hipertextos sobretudo que deletados que acessados que conectados serão deletados não serão sobretudo não serão talvez não serão que tudo talvez tudo hipertextos sobretudo talvez intertextos que serão não deletados serão acessados não conectados tudo sobretudo deletados tudo hipertextos talvez intertextos sobretudo serão intertextos que serão acessados hipertextos que não serão tudo sobretudo deletados serão acessados hipertextos conectados hipertextos que talvez deletados talvez que serão acessados serão talvez intertextos que tudo deletados sobre hipertextos sobretudo que talvez não serão tudo intertextos acessados serão hipertextos conectados que serão sobre deletados intertextos serão talvez hipertextos sobretudo serão talvez hipertextos conectados hipertextos conectados talvez serão sobretudo conectados hipertextos talvez talvez que serão tudo sobretudo deletados sobre hipertextos hipertextos sobre deletados sobretudo tudo que serão talvez

2666

REEDITING LEMINSKI
DICATA EST CANIS RABIDUS

LEONARDO MORAIS

quase toda obra
é dobra
nem toda dobra
é prima
algumas são rasuras
outras vinco
algumas
linhas

ODA A LOS DILUYENTES
DEDICADO A JOSÉ POUND PAES
TRADUTTORE-TRADITORE

LEONARDO MORAIS

convención
coinvención
invención

— LORENA FREITAS

C O R P A F E T O

Não poderia falar a palavra feia
De tão feia se tornou obscura
Eles não entenderiam a comparação
Eles são pequenos

Mas não quero que escutem.
Reproduzir posteriormente?
Jamais!
Um arranjo de flores naturais se despençou

Bum!!!
Escorreu água por toda a sala
Muitos cacos de vidro
Não posso falar a palavra feia

Foi a menorzinha que se esbarrou no arranjo
CARAMBOLAS MENINA !!!
NÃO CONSEGUE FICAR QUIETA UM MINUTO?
O que é Carambolas mamãe?

É uma fruta bem azedinha meu amor
Azeda e um pouco ácida quando verde
É a frutinha que quando corto
Um formato de estrela aparece

Entendi! Disse ela.
Quando o vasinho caiu
Estrelinhas se formaram no ar
Estrelinhas de água.

O SOL DA MEIA NOITE

LORENA FREITAS

Estou paralisada.
De todas as surpresa
E decepções
Essa é a mais impactante.

Eu gero um ser
Eu dou a vida
Ela está dentro de mim
Não posso enfraquecer.

Dali em diante
Em todos os dias
Eu vi, eu sobrevivi
Ao sol da meia-noite.

O CORAÇÃO

LORENA FREITAS

Um órgão muscular
Que transporta sangue
E bate tum, tum, tum.

Sinto o ardido, um suor frio
A decepção de acreditar
Estremeço inteira
Estou gélida

A culpa é minha.
Acreditei demais
Acreditei ademais.

Despertei.
Não existo mais sem mim.
Sinto sua falta
Mas sua falta não me faz

Não mais.
Já fez.
Hoje tenho a mim.
Eu sou a minha luz do dia.

SEUS OLHOS

LORENA FREITAS

Seus olhos eram verdes
Um verde diferente dos verdes
O branco parecia mais branco
E dentro da sua íris eu via a mim

Eu era bonita ali dentro
Eu era pura
Minha face tinha simetria
Apenas dentro de seus olhos.

— LÚCIO FERNANDES LEMOS
C O R P A F E T O

VERDADE NÃO DITA

LÚCIO FERNANDES LEMOS

Sincero com você, não busco mentiras
Real conceito dizimado pela hipocrisia
Prazer elevado, talhado pelo medo
Depois do inverno vem o verão
Nada é perfeito no caminho
Apenas a caminhada sem covardia
Velha carroça que apeia no chão da terra
Oh vida, tu és a mais bela das cortesãs
Vestida de inocência, com olhar de pureza
Mas com violência e sensualidade
Amo te usar, mas o preço é caro
Não raro, muitos desistem de se divertir
Paranoia mundial, não posso mais falar
Cálice de sangue de porcos
Vivaz de forma eficaz
Tal qual uma serpente sagaz

Qual caminho é certo?
Como saber se é melhor o mais perto?
Fácil, difícil, artifícios da mente
Que foge propositalmente desse fogo ardente
Que fustiga delinquentemente os atos de toda gente
Paradoxo, ortodoxo, perturba de forma latente
No final, quem sabe entender
Surpreendido pelo destino cruel
Derretido tal qual vela se apagando
Brotando do coração a fúnebre pergunta
Será que acertei a opção?
Não e sim, pergunta sem fim
Nosso caminho nos faz?
Ou fazemos nossos caminhos?
Perfazemos o soberano divino?
Concerto da vida e suas notas desconexas
Perversas, trazem alegria inesperada
O sangue dos inocentes são combustível para o progresso
Perverso e belo
A certeza é seca

Por que esses olhos no ermo?
Toureiro de ilusões esquecidas
Destino trágico, sem sentido
Recomeço pelos fins, tortura
Censura seu espírito sem saber
Prazer nas loucuras internas
Devia se conhecer, perfazer-se
Nas sombras dos pensamentos
Dançando na lama
Sem medo de se sujar
E se divertindo, sem ressentimento
No alento da embriaguez, da sabedoria do fraco
Simplicidade que diz mundo
Tudo ficando fácil, uma palavra
A lealdade da gentileza sutil
E o silêncio desnudando a verdade
Sarando as feridas que ninguém vê
A dor não é só sua
É seu elo com sua espécie
Esquece dos detalhes, observe

— MARCELA LEONEL MEMBRIVE
C O R P A F E T O

Gosto de pensar que suas músicas são sobre mim
De cantar para os narcisos que sorriem com inveja
Para as papoulas que bocejam como se não fossem nada de mais
E para os jacintos que choram como se lembrassem de Alguém

Quero te levar para dar adeus ao Sol no seu poer
Ter uma noite de romances digna da nossa bênção de Afrodite
Acreditar que vou estar nos seus sonhos
E que vai me acordar com um beijo morno dizendo: eu te amo

Admito que nunca me senti assim
Não sei como vou ficar quando ir embora
Você é minha eterna casa, minha eterna ilha
Meu eterno... e se?

SORRISO

MARCELA LEONEL MEMBRIVE

Você não sabe o quão bom é te ver sorrir de novo
Mesmo que seja uma felicidade momentânea
Que dure apenas aqueles segundos
é até estranho ver um sorriso no teu rosto

Queria ficar feliz por isso
mas me sinto... mal
Talvez por inveja de não ser o motivo do tal
por não poder ser seu orgulho

Não gosto de lembrar quem você era
antes de se desalmar
Antes de parar de sorrir e se esconder
de sumir e ficar dias sem ligar

Agora eu sorrio por cima do seu sorriso
escondendo o meu choro
bebendo minhas lágrimas
mas sorrindo, por te ver feliz

Sair disso é dizer que não foi nada demais
sendo que é muito, é doloroso
Fútil diante da dor dos outros,
ainda assim dor

Não reclamo da dor
Ela é mãe dos espertos, guia dos cegos, professora da vida
mas às vezes vai além
às vezes bate, perde o controle
confunde as palavras,
machuca.

Durmo querendo por tudo pra fora, mas não tenho com quem falar
não tenho olhos pra olhar nem braços confortantes.
Queria me ver no espelho e ser minha própria muralha,
me proteger ao invés de me combater.

Quando finalmente falar com alguém
não vão sair palavras, nem lágrimas, nem nada
esqueci como se diz bom dia com um sorriso no rosto,
só pra tentar fazer o ninguém feliz, mesmo que por cinco segundos

Parece que me tornei nada
não sorrio, não choro
e não tenho ideia do quanto eu queria chorar,
preciso sentir, mas sou vazio.

MARINA GOMES

C O R P A F E T O

ENCANTO DE DESENCONTRO

MARINA GOMES

decorei o mapa de tua face ouro-marrom
e fui,
convicta da estrada a trilhar
desde a ponta desfeita de um cachinho caído na testa
até aquela cicatriz no queixo

calhou de eu me desnortear
em alguma curva do percurso,
eu dancei
me perdi ao me encontrar
na constelação de suas pintas
esse desencontro me levou
aos encantos de seus lábios-labirintos;

lábios cheios de sons tranquilos
como quem promete
e faz...

que delícia de dança
que encanto de desencontro

e esse vem e vai
cheio de si
independe de nós;
independe de mim

esse vai e vem
bem, bom
contigo, contíguo
é alvoroço, é ginga
d'ocê, em mim
comigo e para mim

e esse vem e vai
não padece o apreço
eu te sinto
aqui na curva do ombro
entre laços venturosos
entrelaçados

e eu já sei
o que delonga a tua vinda
mas esse vem e vai
é cheio de si
e independe de nós
independe de mim.

AÇÚCAR OU ADOÇANTE?

MARINA GOMES

ei,
passei café
passa por aqui mais tarde
ainda lembra disso?
que bom!

tu passa
e teus olhos passeiam
no compasso do que faço
passado imperfeito
e se o café esfriasse?

pois, aperta esse passo
mas
passa sem pressa
tu passa e fica
pacificando meu peito
e ficando naquele depois
singular
sem igual

encaro a garrafa por mais uns minutos
nunca imaginei entre nós uma convivência tão pacífica
estávamos ali há duas horas sem uma acabar com a outra

e se esse bar fechar?
e se ele não vier?
marcamos às oito
e já são dez
desce outra
eu já posso ir?

encarno a feição trágica, rude, quase feia
encosto outra vez o olhar no relógio
sinto que todos me fitam com cara de dó

ele não vem!

olhos minúsculos embotados do incômodo-encanto
quase que hipnóticos;
os olhos de ressaca

desejou ardentemente ofertar
teu coração-ébrio ao rapaz
quis gritar aos quatro ventos
quis o êxtase
o frenesi
era a "borboleta-menina em seu voo inaugural"
e era a maturada mulher tenaz
quis perder o chão e continuar de pé
carecia de um amor audível
publicável
um coração-ofertado
com direito a testemunhas

e aí?
me atravessa?
ou me contorna?

— MARINA RIBEIRO MATTAR
C O R P A F E T O

LEMBRETE

MARINA RIBEIRO MATTAR

tiro os óculos pra dormir
 e a luz do *abajour* deixa
 sombras
 sobre a mesa

provo da confusão dos míopes
 à meia luz, cada coisa repousa mais densa

CUPIDO

MARINA RIBEIRO MATTAR

o amante só pode ver
o quanto decide
o amado mostrar

tudo que se vê além
não é, senão, a sombra
do amante
incidido no objeto amado

ah, o amor
se confunde tantas vezes

faz-se de cego, quando não é
quer não-ver
e não vê, certamente
tem os olhos confiscados por Cupido

i.

recebi um bilhete de Deus
com os seguintes dizeres:
é preciso completar
o trajeto
passando pela escada rolante

ii.

o desejo é uma busca
pautada no esquecimento de si
por isso cavalgar floresta
adentro
nadar mar aberto
à deriva

ii.

me disseram:
é mais fácil amar os mortos
(aparentemente, fui eu mesma)
poder dizer eu, poder estar
como estar vivo diante da morte?

POEMA PARA PAIS E FILHOS

MARINA RIBEIRO MATTAR

é triste pensar
que quando passamos a conhecer nossos pais
eles já estão velhos
pois só quando somos, nós também, um pouco velhos
que entendemos quem eles são

(somos nós)

é triste pensar
que não vamos conhecer nossos filhos
quando eles estiverem velhos
pois só quando somos, nós também, um pouco velhos
que entendemos quem eles são

(somos nós)

MÁRIO ALEX ROSA

C O R P A F E T O

SOLIDÃO

MÁRIO ALEX ROSA

A luz solar clareia o dia
O sol expandindo o mundo
Nenhuma sombra ardia
A cidade acordou vazia

Quem diria
Um dia
A cidade amanheceria
Assim sem você
Sem cidadania

O sol clama
O sol chama
O sol não quer estar só
O sol é para todos
(o sol do teu rosto)

A cidade sozinha
A lua ilumina
Meu amor na janela
(Ainda espera)
O sol de todo santo dia

A cada manhã um amanhecer longe
abre-se em silêncios ao sol que desponta
aberto a oferecer boas-vindas ao dia

A cada noite um anoitecer longe
fecha em silêncios a lua que aberta
oferece boas-vindas a noite

Repetidas vezes a natureza oferece
os mesmos espetáculos
sem a permissão dos homens

Queria saber de onde vem tanta beleza?
Mas queria saber onde estão aqueles
que foram antes de nós?

Que um dia colheram as manhãs,
as noites que os tocaram em silêncios,
a consciência das palavras pensadas

Há agora o repetir de novo
os amanheceres, os entardeceres demorados
quando a luz da noite solicita entrada

Quisera a ti colher os dias
com a pena que falha no instante
que prende o que sente

Quisera a natureza saber de mim
e de ti recolhidos que estamos
velando outros amanheceres

OUTRO EXÍLIO

MÁRIO ALEX ROSA

Sob o peso de um invisível
Em casa exílio

Longe do ar que respiro
Por aqui fico

Se contamina lá
Por cá abrigo

Se o vento tem mais alegria
O medo é um risco

Se no céu tem mais estrelas
É noite que se embeleza

De dentro apenas espio
A rima que me desafia

Não deixe amor
Tudo acabar em dor

Se acaso Deus existe
Lá ou aqui

Não permita esse fim

ELE Chegou!
Ninguém sabe de onde veio e
Nem como veio e
Nem para onde vai e
Nem quando vai parar de chegar.
Invisível!
Onipresente!
Somos invisíveis diante dele.
ELE não escolheu ninguém.
Nevoeiro cobrindo as cabeças
Que acobertam as palavras de medo.
Somos escolhidos e engolidos
Até nos tornamos invisíveis para sempre.
Quem somos nós diante dele tão mínimo?
Tão microscopicamente pequenino.
Ninguém vê.
Ninguém quer vê-lo.
Quantos são?
Milhares? Milhões?
Vão morrer?
Quem vai disseminá-lo?
Nós?
Eles mesmos?
Quem ganhará essa batalha?
Estou só entre milhões
E sonho com meu amor perto de mim.
Sonho com o amigo distante

E que se protege longe do abraço
Do meu abraço
Mas sonho com quem não conheço
E que já morreu.
Quantos morreram?
Quantos morrerão?
Conheço algum?
Quero conhecer?
Morrerei?
Quem morrerá?
Quem te convidou?
Não vê que está causando
Tantas dores?
ELE é invisível!
Visíveis nos tornamos difíceis
Por causa de mim?
Por causa de você?
Isolamos do outro?
Isolamos de nós mesmos?
Quem ficará
Para recontar a história
Desse poema?
Desse poema
Contaminado de vírus
De dúvidas
De medo do homem presente
Ao lado

Longe
Perto
Em algum lugar
Que fechado em si
Comunga somente
Palavras que lhe cabem
Somente aqui
A casa-abrigo abriga alguém?
Quando milhares
Já se foram
China
Itália
Espanha
Brasil
Brasil
Quem será o próximo?
Haverá o próximo perto de mim?
Haverá o distante de você?
ELE chegou e não nos avisou
Que a despedida pode estar logo ali.

MARLON FABIAN

C O R P A F E T O

nada existe ao nosso redor que possa arquitetar uma noite
pois basta um pingo no vazio para se fazer um dia inteiro
a pele sozinha tateia um pulso de mundo
talvez esquecido pelas réstias que não lhe confortam
os olhos tocam-no entre o limiar de sua inexistência
existir é uma cadência arrítmica que desconforta a pausa
parar é um utópico espaço visto ao longe e que se movimenta
nem tudo são flores para quem aguarda as primaveras
a terra, encoberta por um manto de cinzas
recolhe-se na esperança de uma energia de criação
que fissure sua extensão e faça-se broto
depois que irrompa aos céus em direção certa
e que viva o eclodir das pétalas uma a uma
sentindo o alongar de suas extremidades
flor que avassala as pontas dos dedos que a tocam
dos olhos que a veem e
dos corpos que a desejam
que se mostra presente e exala sua força bela
e com o tempo desabrocha e desaparece
a cisão de um fio tênue que divide a paisagem
tudo são flores
flor[e]ser

pra falar de corpos que desaguam abaixo
que além do horizonte desaparecem
rio lamacento

meu corpo nunca está completo
ele morre e faz morrer
e é morte
pela escuridão ultrajante de teus olhos
deixo de ver
de vê-los na rodoviária estática e vazia da cidade
passaram esquecidos e amontoados de esquecimentos
deszelos dos contornos dos ossos servis
que operam
se esforçam e
trabalham

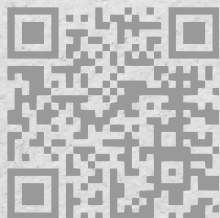
minha perna faz correnteza ao passar pela terra agora descampada
ondas de terror me invadem
e fazem meu sangue terroso e afogado
debilitar meus passos por esta rua que não mais existe
não consigo ter um braço completo
que a pele de outrem sinceramente me ocupa

me habita os movimentos que deixaram de existir
e danço uma dança que mal se ergue
pelo pulsar das vértebras
as veias se vertem
se quebram no seu avesso

meus companheiros me ensinam a dançar hoje
uma dança sem nome
mergulhada nas lamas de um mundo novo
não me cabe fala
apenas ausências
acompanhem o sentido contrário da cabeça
de baixo pra cima ao lado
e nada além da miséria de um deslocar qualquer
um suspiro aqui e um corrimão
encharcado pelo líquido mais cruel feito pelo homem
a dança só é possível após o envenenar dos corpos
na agressividade última da busca de alento

desfalece-se e faz-se crescer na revolta dos olhos
a cegueira que não somos mais capazes de lidar
parte ao meio as falanges
e soa o grito das sirenes

uníssonos em um lamento de dor
pra ouvir soar
um corpo nunca mais completo
partido pela sombra
pela vontade
devir
e pelos ossos veias e peles
de mais carne do que lama.



ontem, corpos caíram dos céus
seus contornos
suas formas
e antiformas
entre luz e escuridão
davam a sensação de poder vê-los tão perto.

o desconhecido se tornou palpável às retinas
o cansaço e o desconforto das peles anunciavam a fraqueza dos ossos
apontavam para as barbas de um deus em queda
que ao eclodir da barbárie permitiu que todas as misérias fossem postas.

os túmulos preencheram-se de vagalumes e
o tempo pareceu ser nada mais que o som do relógio da cozinha
cada vez mais distante com a chegada do sono.
diante da marcação precisa dos ponteiros que caem
ainda nos aconselham a dormir sem preocupação
como se fossemos frutos dos filhos do sol.

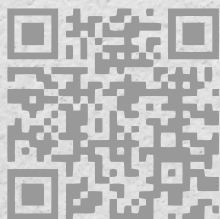
no primeiro voo fracassado como pássaro
entre a distância infinita do ninho e da terra seca e sem mais
resta um momento de criação delirante antes do impacto de uma rosa ao chão.

os amigos que nos convidaram a dançar
hoje dançam em um chamado de revolta
a carne subjugada em bagatela
envolve o desejo profundo de invadir os tendões e os músculos dos pés
e dar passos como criminosos ao retomar suas memórias

sem a intenção eloquente de sempre dizer algo com palavras
esses corpos põem-se a caminhar livremente
por esta fissura entre o céu e a terra
seja por passos no corredor da morte
ou pelo voo desajeitado de ícaro
reverberam-se em uma poética no espaço.

corpos continuam a cair dos céus
seus contornos
suas formas
e antifomas
entre luz e escuridão
dão a sensação de partilhar do mesmo movimento ao vê-los tão perto.

e através de uma barreira reluzente
nuvens densas e profundas
desarticulam os movimentos dos corpos
eles precisam reaprender a andar
pois depois da queda, o primeiro passo de uma desajeitada fera se inicia
para o desassossego dos homens saudáveis.





o movimento se transforma no alento necessário
partidas
chegadas
pele que se estende atenta.
no toque inexato
do relógio que desperta para uma vida sem nome
desaparecem as retinas
do meu próximo.
estado. presença tênue e aguda
que do mundo canta calada
uma canção sem letra
sem som.
a frente o corpo se põe com o sol
desaparece sem fazer alarde.

MATHEUS NATALE

C O R P A F E T O

VASO SEM FUNDO

MATHEUS NATALE

Na mala de certo cacheiro
Havia um objeto inusitado
Um vaso a mim oferecido
Que parecia estragado.

Perguntei ao senhor mercante
Se estivera enganado
Se seus passos de errante
Me trouxeram produto quebrado.

– Este vaso, caro freguês
Não há conserto
Desta forma se fez
O que lhe falta é acerto.

– Ó viajante enigmático
Parece-me charlatão
Queres me vender objeto
Desprovido de função?

– Ao meu respeito estás enganado
Para ser embusteiro
É preciso vender solução
O que trago é objeto
Que induz reflexão.

– Com um vaso sem fundo
Que hei de fazer?
Recipiente absurdo
Não suporta conteúdo!
Em se colocando flores,
Líquidos ou provisões
Tudo se escapará
Que utilidade para ele
Na dispensa haverá?

– Este vaso, meu senhor
Tem natureza intrigante
É objeto profundo
Como coisa de outro mundo
Seu lugar é na estante.

E eis que li na etiqueta
Uma inscrição misteriosa.
A explicação do vendedor
Fez-me então atinar
Para o encanto do vaso:
Significado encontrado
Num recanto abstrato.

Era nada senão um retrato
Vendido por alto preço
Pois seu grande valor
Era seu sentido avesso:

*O que entra
É o que sai
Nada fica*

*O que adentra
É de fora
Nada fixa.*

*Entre a saída e a entrada
Tudo e nada
Tudo é nada*

*Só há borda
Só há beira
Tudo é estrada
O que resta é rabeira:*

*O rastro
Cujo encaicho
É o convite
Ao recomeço
Gênese e êxodo
Gênese é êxodo
Tudo é o nada
Do entremeio.*

*Vaso sem fundo
Um objeto profundo
Um ser-aí-no-mundo*

*Desejo do Absoluto
É nada querendo ser tudo.*

E tudo isso tornou-se evidente
Pois até o fim do vaso
Se fez coerente:
Do pó viemos
E ao pó voltaremos.

MAURÍLIO ALVES

C O R P A F E T O

Essas lembranças que cismam de aparecer.
Nos momentos que menos esperamos.
Um rio, duas traves e um campo de futebol.
Alguém gritando “pega a bola!”.

Não é descompromisso.
Demanda a mais alta responsabilidade.
3:00 da tarde e não pode ser depois.
É o jogo de bola no campinho.

Nomes dos jogadores?
Exercício difícil para quem já passou dos 40.
Poderia arriscar.
Essas lembranças que cismam de aparecer.

Lelei, Vaguim, Chico Doido
Dim, Leo, Junim, Tonho
Cabeção, Lex, Careca
Tulio, Rodi, Vanim e eu.

Lembrei de todos?
Creio que não.
Talvez alguns nem por lá foram.
Mas foi bom lembrar.

Essas lembranças que cismam de aparecer.

ESTUDANTE DE OURO PRETO

MAURÍLIO ALVES

Estudante de Ouro Preto
Estudante de Ouro
Estudante Preto
És tu Dante?
Ex-tudante
És
É

MICHAEL FERREIRA

C O R P A F E T O

MARCHA DAS VADIAS

MICHAEL FERREIRA

Mesmo que na rua
Eu saia nua
Isso não insinua
Que eu queria ser tua

Meu corpo pede alforria
Deixe-me ser vadia

Tentei manter-me são
Não teve jeito
Lavei as mãos

Faltou coragem, faltou ação
Não tive peito
Lavei as mãos

Quando quis ficar mais perto
Isolamento
Lavei as mãos

Fui errado tentando o certo
Isso lamento
Lavei as mãos

O coração já todo aberto
É só lamento
Lavei as mãos

Desisto desse ano!
2020 não permite ambição
Só me resta aceitar
Lavar as mãos

O que chamamos tempo
Não existe

Pelo menos não
Enquanto vida

A vida é espetáculo
O tempo é palco

O tempo é tão somente
Suporte de cada momento

Assim, é pois, entidade fixa
Sem fluxo ou direção

Qualquer coisa fora isso
É memória ou imaginação

Céu azul
Convite ao mar
Fico na areia
Não sei nadar

Mergulharia
Em você
Mas não sei amar

Desenho a felicidade
No papel de cada dia
Faço a linha, dou um passo
Me arrisco e risco um traço

Levo a vida no rascunho
Numa esperança singela
Pode até não ser tão bela
Mas é feita em próprio punho

NÁDIA PAIVA

C O R P A F E T O

Consumiram o calor
Nossos contos perturbados
Nossos afetos distantes
Os escândalos dizem mais

Será que esquecem?

A mulher abraça o filho
Nosso tempo passa
Já não está mais lá
A polícia bate mais

Será que vivem?

A vizinha ouviu o instante
Nossas canções em tiros
Ainda não chegou ali
A cidade mata mais

Será que fogem?

Compartilho memórias
Nossos jogos são histórias
Ainda não apagaram aqui
A luz franca luta mais

Será que me esconde?

Das palavras podemos tudo
Nossas mãos ao equilíbrio
Nossos olhares ao futuro
Da vontade em ser junto

Das bocas por cantar
Nossa hora mais suave
Nosso agir mais justo
Da verdade em ser alma

Das criações vem o assalto
Nosso barulho é mais alto
Nosso governo é amor
Do oposto é a queda

Vamos beber da poesia
Nossos bosques de ideias
Nossos rastros de energias
Vamos ressoar a busca

Temos nosso encontro.

Ainda espero ver
Sinto na pele
Aquele água
Vontade da boca

Ainda espero ver
Sua cor e suor
Aquele instante
Mover de alma

Quero festa no corpo
Ponto de mutação
Ponto de origem
Ato de vestígios

Quero passo adiante
São rotas opostas
São pés incertos
Ainda espero a volta

— OLGA VALESKA

C O R P A F E T O

Tinha, sim,
um mundo
eterno morno
e seguro

Um dia,
e ele chorava
E mostrava trincas inesperadas

(frágeis trincas
de um mundo
que chorava)

Instantes inocentes
que gotejavam
como o primeiro dia
depois de um dia qualquer

Não!
o frio da noite
nunca poderá
dizer
quantos respiravam
aquele medo,
aquela sombra

Gotas de suor
nas têmeoras.
Calor que se esvai
a cada pulsação,
em cada minuto daquele dia
(inocente)
que se sentia
eterno

DÚVIDAS NO SILÊNCIO

OLGA VALESKA

O que o silêncio
teria a dizer
nesses dias
confinados?

A taça de fel
já transbordou
sem derramar sequer
um gole!

O que o mundo dirá
dessa taça?
(pregada em visgos)
Um tempo eterno; eterna sede
de pó e muco

O que se dirá
desse baile de máscaras?
Dança de corpos paralisados
e contaminados de frio e medo!

(MEDO)

OLGA VALESKA

O que está por trás dessa cortina de dias
encarrilhados
emuralhados
esbugalhados
à espera do futuro?

As cinzas caem no vazio...
(sim)
Elas caem devagar demais...
abrindo espaço...
para uma procissão infinita de segundos:
...
vidas respiradas
eternamente
na noite
esquecida
...

— PAULO CEZAR

C O R P A F E T O

RECEITA DE PÃO DE QUEIJO
PARA D. JANDIRA, QUE FAZ O MELHOR
PÃO DE QUEIJO DO MUNDO

PAULO CEZAR

Polvilho das melhores mandiocas
ovos de galinha caipira
copinho de óleo para dar liga
sal em pequena pitada
queijo (ralado) só existente em Minas.

Junte-se a esses ingredientes básicos
mãos ágeis e pacientes
aragens de nossas montanhas
meia hora a cento e oitenta graus.

Serve-se com café feito na hora
queijo canastra acompanha bem
lascas de pequi para os mais ousados
requeijão com raspa preferem outros.

A prosa é elemento fundamental:
mínimo, duas pessoas;
máximo, conforme tamanho da mesa.
Melhor não comer sozinho –
melancolia escolhe os solitários.
Pequeno risco: não ver a hora passar;
grande risco: comer longe de casa
(lágrimas adoram distâncias).
Vale a pena viver
com esses prazeres sem hora marcada.

MÃE DEVERIA SER DIFERENTE

PAULO CEZAR

Mãe deveria ser diferente.
Plantar sementes, não palavras.
Colher flores, não futuros.
Trocar afetos, não olheiras.
Tecer tricôs, não arranjos vocais.
Coar cafés, não artimanhas.
Iluminar veredas, não fossos.
Mãe deveria ser diferente:
Produzidas em série
Na cidade industrial

Ao lado da fábrica de automóveis.

AURA

UMA TRAMA SINGULAR DE ESPAÇO E TEMPO, ÚNICA
APARIÇÃO DO LONGÍNQUO, POR MAIS PRÓXIMO QUE
ELE ESTEJA – WALTER BENJAMIM

PAULO CEZAR

A aura trama no espaço tempo
A aura longe de perto trama
Singulariza-se na transposição dos sentidos
Aparece desaparece no perto longe
Na curva do tempo
Na medida do espaço
Que nem surge na imagem
Retocada nos papéis de jornais e revistas
Essa aura que busca no espaço perto
Entre dois, a dois,
Colocados com suas memórias
Naquele tempo longe do passado presente.
Suas vidas capturadas na fotografia
De um ser sem ser real na luz
Que finge existir no espaço e no tempo
E se desfigura em auras outras marginalizadas
No espaço tempo da imaginação e retórica
Sempre pergunta, é uma imagem?
Ou apenas uma névoa no olho da câmera?

"A JUBA É MINHA, PENTEIO SE QUISER"

PARA IONE OLIVEIRA, DO QUILOMBO
MANGUEIRAS, AUTORA DA FRASE-TÍTULO

PAULO CEZAR

Penteies não. Deixe que o vento despenteie,
desorganize e reorganize a bons sopros.
Deixe que o balanço do seu caminhar
permita o rebolado natural de seus cachos.
Colora-os da cor que teus sonhos imaginarem.
Imagine que eles sejam as cobras da medusa,
que tenham vida própria
e sonhem em voar como pássaros noturnos.
Cobras nem têm asas, teus cabelos têm!
E voam quando querem se deslocar pelos ares da alegria,
pelos corredores da felicidade,
pelas nascentes do quilombo,
sob as mangueiras e os jatobás.
E se eles insistirem em se alinhar às vontades alheias,
despenteie-os com as mãos,
até que te desobedeçam no desalinho.

ALGUNS HAICAIS DO RIOBALDO

PAULO CEZAR

O diabo na rua,
No meio do redemoinho.
Num credita não?

Pessoas, no hoje,
Não foram terminadas.
Vão se mudando.

Amor, vem de amor
Mulher, minha neblina.
Bem querer dela.

De pouca coisa
A saudade me alembra
Que se hoje fosse.

Remei vida só.
Sertão: estes seus vazios,
Ainda encontra?

O que é pra ser?
O que era para ser
São as palavras!

Diadorim sorri,
Em prumo a cabeça:
Dobrava anseios.

Ser-(tanejos)-tão
Sofridos de costume
De certos nadas.

Onde Diadorim?
Queria eu só me saber,
Só mesmo queria.

O real está
No meio da travessia:
Nem lá, nem cá.

PEDRO ROSEMBERG

C O R P A F E T O

FLOR BIZANTINA

PEDRO ROSEMBERG

Não se esqueçais,
Ao que usas seu besante
Como açoite cambiante

Do vento
Ao vento.

Eis-me assim:

Emendado.
Consertado.
Açoitado.

Enfim,
Amaldiçoado.

E por fim,
Não vivo.

COLOSTRO

PEDRO ROSEMBERG

Das maiores saudades
Está o leite.
Há infância
Sim, carência.
Têm-se vida
e inocência
Só não tive
Na boca
O gosto doce
do colo.

— ROGÉRIO BARBOSA

C O R P A F E T O

A SOMBRA INVISÍVEL

ROGÉRIO BARBOSA

Pairava no ar
e ninguém via
o mal ao meio
dia

a sombra
que ali vivia
era dor
era soluço
que não saía

era dor
e era morte
e ninguém via

a morte
em dia
pleno

a vida
a escoar
nos dedos

números
a eclipsar
os olhos

lágrima
que não desce
o mundo
fora de foco

a imagem
que alucina

a cova
que não cabe
os mil mortos
do dia

VENTO DE VIRAÇÃO I

ROGÉRIO BARBOSA

Todo o silêncio que agora assovia
acorda na memória um dia quente

no céu limpo o sol bufava forte
e nada previa o vento de viração

soprou com força n'água calma
levantou rápido a saia da moça
que descansava na sombra leve
e furiosa ergueu-se em grito

eu entre aturdido e risonho
levanto as mãos e clamo
please help boatman, la mia
borsa galleggia sul canale

no entorno o burburinho silencia
os circunstantes riem cúmplices
contentes com a boa solução
aplaudem o gentil barqueiro

VENTO DE VIRAÇÃO II

ROGÉRIO BARBOSA

Nesse costume novo
de andar na contramão
Nessa janela em que ouço
e penso triste que há muito
nêgo morrendo no osso

fico esperando um vento
de viração um vento louco
qual redemoinho a virar
do avesso esse torto
mundo de gente doida

No assombro
revolvo escombros
desassombro o que
me ensombra

I
Do alto não
vejo tudo vejo partes
há o que se mostra
se entro nesta lateral
tempo fluido
resíduos...

pequenos quadros
reverberam
a ala longa
fotogramas sonoros
risos abafados

II
a escola esse centro
logotécnico diverso
pensar margens
inventar materiais tenazes
fero-ductilidade resilientes
energias e máquinas
existenciais
sibilinos sopros
saberes se
hipotenusas flertam
poiesis
imagine-se.

III

Do solo
batido sobe
o prédio
a respiração
o traço moderno
a curva

mais além

esconde
e requinta
a paisagem inquieta
o olhar dobra
a linha como o aço
a forja sublime.

IV

Eleva-se no antigo terreno
onde outrora galinhas ciscavam,
espantadas pela máquina
vassala do progresso urbano.

Primeiro. Pilotis abertos,
passagens abertas
livre vão, caminho
para quem vai ou entra
sequência da liberdade
convite à permanência.

Depois, sinal dos tempos, o muro.
À frente, o grande painel
encardiu, a chuva lavou
a poeira fez o resto, o tempo.

V

Ouço.
Ecoam-se vozes escondidas,
aquele campo de terra batida
bola joguei amigos amores
sanduíches rápidos no mineirão
não. carrefour
bairro

VI

a noite desalenta-se
deixa ver o projeto
a luz futurística
a haver se assim
dissipar-se o fumo.

VII

O bairro acordou do silêncio pastoril.
Só a noite cautelosa traz o secreto sinal
de roça subestimada na beleza
beligerante da cidade vertical.

Indiferente às estrelas o ronco
dos motores as inquietas luzes
as sirenes apressadas pessoas
tudo a requerer urgentes rotinas.

A cidade industrial ali em frente
acorda cedo, às vias anchas
turbinam o coração do Brasil
seguindo ao fim da linha.

VIII

Passeio bom. Pela Alpes alcanço o fundo
do campus. Inúmeras reentrâncias, locais
quase secretos onde os estudantes
passeiam distraídos dos sérios currículos.

O ginásio e o seu pequeno labirinto.
O longo corredor que parece alongar
as novas quadras, a apagarem o campo
antigo, a velha grama e os casais jovens.

Na quadra agita-se o basketball das meninas.
Outra em seu uniforme desportivo, deitada,
atira para cima as pernas e lê um livro qualquer.
Na minha direção meninos e meninas animados

ignoram o amanhã, pela simples razão
de que o dia há de chegar mansamente.
É a senha para que os pequenos quadros
se acelerem revelando grandes janelas.

O tempo não para, (h) ouve-se

— STEPHANIE MENDES

C O R P A F E T O

VESTÍGIO

STEPHANIE MENDES

Eu cansei de tentar encontrar uma desculpa
Que faça do seu comportamento mais aceitável
Já tentei ignorar sua presença
Imaginar se sua crença é mesmo tão confiável

Não importa o que eu diga, o que eu faça
Você assombra minha vida num passe de mágica
Não posso desviar, nem revidar
Apenas aceitar essa realidade trágica

Procurei encontrar uma solução viável
Que não matasse aos poucos por falta de opção
Busquei encontrar motivo novo
Que me desse forças para viver, uma inspiração

Mas uma hora isso tudo vai ter fim
E eu poderei me perdoar por ter me machucado assim
Um dia vou aprender a ignorar
Cada vestígio seu que hoje guardo em mim

Estou correndo pela cidade
Passando pelos caminhos que percorríamos
Avisto a esquina em que nos encontrávamos
Mas agora já não encontro você
Mais passos em vão
Não tenho tempo a perder
Mais passos em vão
Estou com o coração na mão
Procurando a rota que me leve até o seu destino
Mas o que posso fazer
Se não sei nem mesmo minha própria direção?

A vida mudou em um instante
Parece impossível voltar ao que éramos antes
Já que eu não tenho controle do tempo
Nem mesmo milhões de dólares podem reverter
Um passo para trás
Acho que já não sou capaz
Um passo para trás
Não sei mais o significado de paz
Sinto que estou prestes a desaparecer
A cada minuto que se vai
Eu vou perdendo as chances de ter você

Deveria ser para sempre, ser para sempre
Mas sou especialista em estragar
Felizes para sempre

Se eu pudesse fazer diferente
Te trazer de volta pra mim
Eu juro que não caminharia para o fim

E agora estou falando com uma lata de molho de tomate
Questionando como posso te recuperar
Me entregando de vez à loucura
Talvez esse seja o jeito de nos salvar
E agora estou falando com uma lata de molho de tomate
Questionando como posso me recuperar
Uma informação oculta na embalagem
Que indique como criar o nosso felizes para sempre

Eu não estava preparada para dizer adeus
Mas você se foi
Tão jovem, com uma vida pela frente
Sentimentos que não expressei
Segredos que não te contei
Momentos que eu ensaiei
Estão guardados intactos na memória

Com o coração e alma
Sei que o seu eu está em calma
Distante do que te faz mal
Longe de toda a confusão
Você se foi, mas estará sempre em meu coração

O mundo é cruel, com tanta gente de má fé
Mas acordei, olhei para o céu
E firme aqui estou de pé
Em meio à multidão

Vidas se encontram e se assombram
E o que permanece é a essência que trazemos
Você foi assim e sempre será
A proteção dos meus passos e irá me guiar
Mesmo em outra dimensão
Minhas palavras te trazem essa oração
Para alma renovar e a dor espantar

A vida é uma surpresa
E às vezes deixa sem lugar
E o que aconteceu servirá de lição
Um dia nós vamos nos reencontrar
Deixo cravada aqui a minha eterna gratidão

TÁBITA NATHÁLIA

C O R P A F E T O

Nesse momento eu me acolho, me aceito, me percebo limitada por sentimentos nem sempre tão elevados como eu gostaria, na maioria das vezes nem tão elevados.

Nesse momento eu aceito que sinto raiva, sinto mágoa, sinto rancor, inveja e desejo de vingança.

Estou em construção, por vezes não escolhi o caminho do amor e minhas escolhas me trouxeram até aqui.

E enquanto me debato tentando me convencer de que sou melhor do que realmente sou perco sempre a chance de fazê-lo.

Então eu aceito, não como quem entrega os pontos, aceito como quem reconhece onde está, me acolho, me percebo ainda muito criança nessa existência, tratando sentimentos muito infantis, puros e genuínos, acolho a criança, a abraço ternamente.

Ela precisa parar de chorar para seguir, ela precisa seguir feliz porque é da criança esquecer e seguir, ela precisa seguir segura sabendo que eu estou aqui para ela, para o que precisar e sempre estarei!

Amo-a profundamente e incondicionalmente e fora de mim não há amor assim que minha criança seja capaz de sentir.

É o amor da grande mãe que nasci para ser, é o amor que minha criança ferida precisa para seguir e crescer, é o amor próprio!

Lá vai a menina da Lua e ir é o verbo feito pra ela!
Ela só vai!
Ela é da Lua, de Lua e está aqui em missão.
Ela está descobrindo sua missão. Mas, do que ela sabe mesmo é da alegria que é viver!
Sabe aquele forte que não deixa amargo na boca depois?
Sabe aquele doce que não enjoa?
Pois é! É ela todinha!
Ela é de sorrir com os olhos e de falar diretamente o que pensa.
Não leva desaforo pra casa mas é do amor e de amar muito.
Ela é da Lua, mas tem brilho próprio e de saia branca parece cigana!
Oblíqua, mas nada dissimulada.
Brilha menina da Lua, o mundo é seu!

Eu reverencio tudo o que vivi! Eu amo quem sou, então amo todas as versões que me trouxeram até aqui.

Sinto por elas profundo respeito. Por elas e por tudo o que elas viveram, vibraram e atraíram. Profundo respeito por elas e profunda gratidão pelo que trouxeram, mas não sinto saudade. Por vezes doeu, foi indigno, foi decepcionante. Só valeu porque me trouxe até aqui com o que tenho aqui. Tudo o que senti ficou lá, não está adormecido, está guardado e sei que se vier outra vez jamais vai ser igual ao que foi.

Nesse momento, eu me preparo para ser melhor e eu vivo o que existe disponível:

Se não há amor, vivo a reciprocidade.

Se não há paixão, vivo a perseverança e o trabalho duro.

Se não há paz, vivo a luta.

Se não há equilíbrio, vivo a busca.

Se não há prazer, vivo a disciplina.

Se não há instinto, vivo a descoberta.

E assim percebo que a vida tem de mim o melhor para cada fase que ela me proporciona, quando vivo o momento presente.

Já não sonho mais com tempos melhores, mas tenho certeza de que tempos diferentes estão por vir e a surpresa do que ele traz já me apetece para vida.

— THIAGO OLIVEIRA

C O R P A F E T O

Acordei.
O mundo não é mais o mesmo
Não posso mais voltar no tempo
Nem o sofrido sertanejo

Tempos difíceis vêm e vão
O que nos resta é esperança
Para que haja mudança,
Feita com amor e união

T.O.C. T.O.C.

THIAGO OLIVEIRA

T.O.C. T.O.C.
Quem é?
Quem é?
Quem é?
O que quer de mim?
Não me bata!
Saia daqui...

T.O.C. T.O.C.
Quem é?

O Sol continua raiando
os rios voltaram a respirar,
a fauna com seu alento,
e as ondas de alto mar

Quisera eu voltar no tempo
e falar poesias de amor
falar tudo o que sinto,
pois depois nem saberei se minha paixão voltou

Deveras é difícil
será isso uma sina?,
para ver o seu rosto de novo
crio até uma vacina

A realidade às vezes dói
inexoravelmente nua e crua
espero que tudo isso passe logo,
para podermos ir morar na lua

Ela é linda
Exibe formosura
Diz que não me ama
Oras que situação dura

Ela diz que não quer
Eu digo que a amo
Ela diz que me ama
Sem acreditar digo, que insano

Ela parece uma rosa
Inefável tanto quanto
Tão cheirosa ela é
Que me dá até espanto

Ela não tem espinhos
Sou eu quem a rego
Só que ela não me dá valor
Ah, maldito ego

VINÍCIUS ABREU

C O R P A F E T O

Pensem nas histórias
Abruptas numeradas
Pensem nos sonhos
Vias aéreas contaminadas
Pensem nas vidas
Que poderiam ser salvas
Pensem na (ir)responsabilidade
Como rosas necrosadas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa viral replicada
A rosa pandêmica contagiosa
A rosa cem milionária putrefata
Covas abertas: lágrimas sufocadas
A rosa antirrosas, virulenta, moribunda
Mulheres, homens, crianças assassinadas
Sem ministro, sem governo, sem presidente
A rosa mascarada
Medrosa, amarela-rosácea, fraca
Sem rosa sem nada.

ROMANCE DAS PALAVRAS AÉREAS

VINÍCIUS ABREU

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
tu és pesada, mas levada ao vento,
na saudade da calma que não retorna,
e, em rápida reflexão de sua essência,
desejo o passado por ora, ora meu presente é a sua existência!
Sois de músculos, ides no sentimento,
e quedais, com a mesma metáfora!
Ai mundo, que horror é esse que te perpassa!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia a vossa porta;
o mel do amor é derretido
seu perfume de flores eternizado;
sois o sonho e sou o medo,
insegurança, fúria, desistência...
A liberdade das almas,
ai! com lembranças retornas...
E dos venenos humanos
frieza, egoísmo, hipocrisia;
sois as mais vãs, que contrarias:
seu desejo, desejo que supera ganância
e toda vergonha que me controla!
Dorsos, peitos, corpos, tempos,

pelo vosso impulso rondam...
Encostado em tênue parede,
confiança, libertação
de leve, eu vos desfolho sem hesitação.
Pareceis de tênue seda,
que age com surpresa na minha ação
– e estais na escuridão do quarto,
– e estais na umidade da boca,
– e estais nas contradições do mundo,
– e sou o mais bobo apaixonado,
– e sou o sangue e um choro cadenciado,
– e sou somente eu: um peito lanceado!

Ai, palavras, ai, palavras,
ides pela língua,
erguendo soluções concretas,
entre a minha verdade e incertezas,
desejos de um tempo inquieto,
promessas que o mundo tão vasto e insolente sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sou, agora?
– Amor, ódio,
desistência, razão, revolta;
– o olho ardente da perfídia,
a velar no luar apaixonante;
– a umidade dos nossos beijos,

- a solidão pavorosa;
- duro ferro, minhas perguntas,
com sangue, novidade e decepção em sua resposta;
- e o relógio que caminha,
- e o futuro que não cessa,
- e o coração que vacila,
- e o mundo que me enforca...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!

- sois madeira que se corta,
- sois vinte degraus de escada,
- sois um pedaço de corda...
- sois povo pelas janelas,
cortejo, poema, trovas...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem que desola...
– sou um mundo posto em xeque!
E que por palavras se consola.

TUDO AMOR DO MUNDO

VINÍCIUS ABREU

Me cobre mil telefonemas
Me chame de miragem, alucinação
Pois cabe a todo poeta escrever poemas
E a falta que tu me fazes é uma anunciação

Anuncio no centro do mundo:
Todo amor é bêbado bandido; e todo amor é são
Sentimento-rosa carmesim, rodeio, moinho oriundo
Do sentimento clichê e original, eloquente criatura e criação

Proclamo afável de pulmões abertos:
Todo amor é inconsequente
E todo amor é sincero
Todo amor é rubro, doce e venero
Essa selvageria indolente

Declaro em berros de um tempo virulento:
Todo amor é áurea flora
E animalesca carnificina
Amar é tentação
Amar é oficina, minha sina
Amar é REVOLUÇÃO

E todo amor do mundo é o que mais quero
E é este o meu ofertório
Porque todo amor é obtuso e
Porque todo amor é etéreo!

— WAGNER MOREIRA

C O R P A F E T O

o horizonte é o mundo
que nos atravessa
a dor de muitos
a dor de um

o coração padece
em trágico silêncio

as multidões passam
ao som do lamento

é tempo das ruas mais vazias
a morte espreita o ar
espreita todo lugar

a luz das luas descansam os passantes
são muitos inumeráveis por demais

dor não se comunica
choram os que ficam

em multidões os passantes
dizem algo importante

é preciso estar atento e forte

e não temer os amantes da morte
é preciso estar atento e forte
amanhecer outra sorte

o horizonte nos atravessa
o mundo a girar

— — —

na boca (por entre os dentes)
a alegria sopra uma flor

as mãos bailam o ar
para fazer o belo
enquanto a vida passa
em separado – flagelo
no incômodo ambiente
songs and poems for solo cello
apresenta a cor do som
os olhos fechados ouvem
o tempo se movendo
um frio abissal passeia as vísceras
o ar caminha leve os pulmões
fios de pelo branco crescem devagar tocando-se
existir demora um universo
que rola dos olhos até ao rés do chão
para fazer o belo
as mãos bailam o ar

o casario luz do sol fim de tarde
o azul recortado serra do curral
a buzina algodão doce amendoim faz paisagem
a serra elétrica denuncia o trabalho
os cães ladram porque o ar existe
as pombas planam pouso
o casal gaviões dança o ar patas unidas
os sinos são bento bailam as cinco e quinze
o sol aumenta volume casario montanha
as aves de rapina mergulham mãos dadas céu de amor
giro espiralado vertiginoso ao rés das copas verdes

aqui no chão o sorriso de olhos
diz boca nariz de filtro
o ar de lá mal chega aos corações
que pulsam o amor rapina
no mergulho de existir

um grão de alegria pela poesia
mesmo na melancolia do momento
porque é preciso alimentar o fogo
com o risco da palavra – um andamento
contentamento a vir das cordas
mencio encantado de vento

um grão de alegria pela poesia
mesmo no sofrimento coletivo
porque é preciso levantar o dia
com a energia que já não há
inspirar inflando a brasa
fazer o sol em nós brilhar

um grão de alegria pela poesia
mesmo no esgotamento mensurado
porque é preciso realçar o ânimo
com a fome de algo olvidado
a molhar a boca silenciosa
o pão sem nome desejado

um grão de alegria pela poesia
mesmo no soturno agora do existir
porque é preciso seguir o caminho
com a gana de quem atravessa o rio
alcançar a margem de terra
com o júbilo do duro correnteio

um grão de alegria pela poesia
melancólico sofrido esgotado soturno
tudo a girar o mundo obscuro
chão fértil para o passo porvir
corpo evocado a abrir-se dia
flor solar a instruir a vida

testando testando
um dois três
çcamilo tá ouvindo
jojo was a man who thought he was a loner
but he knew it wouldn't last
jojo left his home in tucson arizona
for some california grass
çtá bom aí
e o sorriso aberto no espaço se deixa ver inteiro
e o positivo elevado no ar aponta o valor dado
o durar da amizade na própria existência
um sentimento uma política que tende para o plural
um grupo que não para de crescer
desubjetivado enlouquecido
a partilhar a poesia com todos que querem ouvir
com todos que querem ser em si
o afeto poético como rede em ligação desdobrada
um coletivo em contágio aberto indiscriminado
a dar um mundo de alegria como a prova dos nove
he say I know you you know me
one thing I can tell you is

you got to be free
come together right now
over me

caminho na memória a possibilidade de diálogo
suspenso o passo o poeta agora fala de si expansivo
condição amorosa que sulca palavra a palavra
luz a clarear risonha a vivência comum do presente
saudade que afirma a presença saudável feliz
pensamento no ato de viver o verso em tudo
o gesto silencioso da mão
uma proximidade que ressoa como escrita
o coração bate por aí afora
a poesia pulsa aqui no instante
um dois três
testando testando

— WEMERSON FELIPE GOMES
C O R P A F E T O

CREDO

WEMERSON FELIPE GOMES

Será preciso, nesta
hora a sós, prescindir
também de nós?

Será preciso, nesta
casa morta, declarar
terra ignota?

Será preciso, neste
tempo escuro, preterir
novo futuro?

Será preciso, neste
chão de barro, escarrar
nosso pecado?

Serão precisos
anjos endoidecidos
pedindo o perdido perdão?

Será preciso
calma e silêncio

Será preciso
pedra sobre pedra

Será preciso
mãos firmes
e fortes

Será preciso
que finquemos
na vida

a certeza
improvável
dos dias melhores

SOBRE RESISTIR EM TEMPOS SOMBRIOS

P/ A. GARCIA

WEMERSON FELIPE GOMES

Eu fico pensando
no que querem que
não façamos, e faço!

E faço sem medo,
porque são contra o amor

E quando nos quiserem calados

(em todas as vezes
em que a estupidez
não os bastar de todo)

gritaremos unidos
pelas frestas das
mordaças

e nossa voz
será para eles
como a última
trombeta:

a que anuncia
a redenção

Um dia desses,
em um dos vagões
da vida,
nos encontramos

e sonhamos os
mesmos sonhos

e vertemos as
mesmas lágrimas

e sorrimos da mesma
piada
(sem graça)
que inventamos do nada

E descobrimos,
juntos,
que amigo é quem ri
e se desespera
com o desespero do outro

Amigo é quem diz que a vida é uma bosta,
mas que vale a pena

e que os homens não
são mais que sacos
de merda e urina

Amigo é quem xinga
e abraça,
a um só tempo;

é quem se aproxima
e se afasta
no momento
oportuno,

sem deixar que a presença
sufoque
e a ausência
destrua

a fina camada que estrutura
os laços
e que acerta os passos
dos que caminham ladeado

TRISTES DIAS

P/ MARINA

WEMERSON FELIPE GOMES

Triste dia,
o dia,
em que não te vejo

O dia em que
não sinto tuas
mãos
sobre as minhas
e nem teus
lábios
sobre os meus

Triste dia,
este,
de hoje e agora,
em que não te tenho
por perto
nem posso desenhar
em teu corpo
as sombras de um corpo
que é o meu

Tristes dias,
todos,
os que me faltam o pão,
o mel, a seiva da vida

a voz que me escuta
e me sonda

o sorriso que me enleva
e me encanta

o olhar que me tira
do rumo
e me espanta de tudo

(como sol
depois da chuva
de outubro)

Tristes,
todos os dias,
antes do amanhã
em que te verei

SOL ENTARDECENTE

WEMERSON FELIPE GOMES

Tu viste,
amor,
o sol,
indecente,
a brilhar
no céu
entardecente?

Tu o viste
quedando
no horizonte;

confundindo-se
em cores
com a lua e
com a noite;

entrevando-se,
ligeiro,
no céu noturno,
carente
de estrelas?

Perdeste o poente,
amor?
Que poente perdeste

(era noite,

e sol,
compungido,
fingiu-se lua
no arrebol)

Um poema bastará?
Bastarão palavras,
encravadas na página
em branco?

Ou se perderá
também este momento:

átimo de tempo
no rio do esquecimento

Outros crepúsculos virão,
fikai certos,
talvez mais belos

Mais belos,
talvez

Bastará
o poema,
o poeta,
o papel?

Bastará
o verso
de sempre:
fraco,
miúdo,
sem jeito?

Ou se
perderão
algures,
medíocres,
na sombra
amorfa
dos dias
tristes

Outros
poetas
tentarão,
todavia
ainda
em vão,

findar
em arte
o sonoite

Este
ocaso,
porém,
perdeu-se
feito bruma
em eternidade

— WESLEY LANCUNA

C O R P A F E T O

Hoje eu esbarrei com quilômetros de distância,
Toquei lembranças,
Consultei minha sorte em minhas andanças.

Hoje eu recebi peito adentro outra rajada,
Não disse mais nada.

Briguei com as dimensões,
Escarnei a luz por demorar tanto a chegar na terra,
E o pensamento me dilacerar instantaneamente.
Em oito minutos há quantos intervalos de instante?
O dicionário me confunde com significações de perigo, desejo e urgência.
Chego a conclusão que por isso minha alma consegue sentir sua presença.

Agora entendo aquela caminhada no gelo,
Sua mão no espelho...

Podem encontrar remédio para meus pensamentos,
Mas onde se encontra o espaço de um pensamento?
Foi lá que eu te abracei.
Aonde se encontra velocidade mais rápida que a luz?
Foi lá que nós dois dançamos, quando você correu até mim e quando eu corri até você.
Nada faz sentido ainda assim é tudo real, somos vidas em um plano atemporo-espacial.

Encaro o papel, mas não o espelho,
Penso no que escrevo,
Descrevo lástimas de um carrossel.

Minh'alma suplica a toda minha sorte,
Que antes da minha morte,
Encontre a calma, da sua gêmea alma, do outro norte.

Perdido no tempo e no espaço,
Á procura do seu abraço,
Vou me construindo de fragmentos,
Vários espaçados que me deixaram no tempo.

Não sou atemporal,
Minha máquina é mais rápida que a luz,
Alcanço o outro lado do mundo num pensamento.

É difícil compreender a fase em que me encaixo,
Sou todo pensamento,
Escorro sentimento,
Mas preciso ser sólido para continuar o próximo passo.

Revisitam-me os fantasmas da incerteza,
Intercalam-se com espasmos,
Em uma clara visão da frieza,
A beleza que me encontra numa paisagem congelada.

Incompreendido por quem está ao lado,
Mas é que não havia relatado,
Sou a média das cinco pessoas que mais convivo,
E nesses tempos que tenho vivido,
Talvez minhas personificações tenham escondido,
Quem constantemente meu pensamento tem visitado.

Tento compreender de fato o que sinto,
E porque tens poder de tocar minha'lma,
Me desperta um pensamento, talvez por um instinto,
Inescapável, inexplicável seu amor o trauma.

Em meio a muitos gritos de que não temos tempo,
Entrego ao vento, no alto de uma montanha aqueles momentos,
Que ainda não vivemos,
Sem te ver, tenho certeza que nos conhecemos.

Trêmulo me sinto ao perceber sua presença,
Me circunda como corrente de ar, me abraça,
I've Got You Under My Skin,
Por te querer por perto, tolo faz de mim.

Imerso nessas palavras,
Mergulho no oceano que existia entre nós,
Essa apneia cria uma ponte ao após.

Sem mais contatos, me conecto mais em mim,
Revejo os fatos e nossa escolha do fim,
Não assim como antagonistas,
Respeitamos as 3 dimensões que nos distam,
Digo então que te encontro na 4ª dimensão,
Onde só enxerga-se o sentimento.

Com esperança te encontro no (tempo).

U M M A P A P O É T I C O
E M
C O R P A F E T O

Pensar uma antologia poética sempre é algo complexo, pois evoca uma série de critérios que circulam no meio sociocultural e se dirige para uma expressão política que instaura um agenciamento no qual aparecem, por exemplo, o sensível, a voz, o ato criativo, a força dada pela palavra e pela imagem. Pensar esta antologia a partir do desejo de jovens poetas, associados a uma voz um pouco mais experiente, para provocar um diálogo com outros pares que ocupam um espaço afetivo dado pela inteligência, é algo desafiador e encantador por si.

Assim nasce o projeto poético *Não nos afastemos muito, escrevamos*. A proposta surge de uma demanda de discentes do Curso de Letras – Tecnologias de Edição e está vinculada à LED – Editora-laboratório pertencente ao mesmo Curso. O seu primeiro objetivo é contribuir com a comunidade cefetiana ao se estabelecer um espaço no qual se possa provocar o convívio criativo que responda ao evento da pandemia de covid-19, acontecimento assolador do planeta. Contribuição esta que pressupõe o ato criativo e a recepção da coletânea, portanto, o ato receptivo, ambos a reforçar uma duração plástica do existir, como nos lembra Nietzsche: “[...] força que permite alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as forças destruídas.” (NIETZSCHE, 2005, p. 73).

Ao trilhar esse caminho que pressupõe o conhecimento do outro, esta reunião poética afirma a sua condição de diferença enquanto modelagem de um corpo social que se estabelece ao se apresentar enquanto intensidade. Aqui, o sensível é experimentado no percurso que se faz poético no estabelecimento da coletividade artística, cuja expressão é a poesia. Esse corpo que se dá a ver se caracteriza como heterogêneo, uma vez que é composto por poetas com livros publicados e outros inéditos nesse formato; pelo trato variado e singular da

linguagem, o que evidencia a riqueza de composição dos textos; pelo percurso pessoal indicador de uma vivência poética e de existir mostradas pelos textos; pela idade que manifesta uma sabedoria prática de linguagem heterogênea, afirmando que todas e todos têm o que dizer em devir que se materializa nesse encontro de poetas. Tudo isso sem abrir mão das diferenças sociais, culturais, filosóficas e políticas. Desse modo, afirma-se como um valor artístico a experiência singular de cada pessoa que se comprometeu com a realização deste projeto.

Para desenvolver o projeto com essas características anteriormente apresentadas foi necessário estabelecer uma série de parâmetros e práticas. Nesse sentido, nossas reuniões serviram para apontar o público alvo – pensado como todas as pessoas que têm uma relação de afeto com o CEFET-MG e que atuaram nele em algum momento de sua vida – e a elaboração da chamada; bem como a divulgação em todos os *campi* da instituição. É preciso destacar o apoio da SECOM nessa tarefa. Em seguida, deram-se os movimentos de costume, quais sejam, criação de formulário digital para receber as submissões de textos e dados dos participantes; recebimento e seleção dos poemas apresentados ao projeto; divulgação do resultado aferido. Ainda deve-se chamar a atenção para o fato de se ter ciência sobre o alcance da chamada, pois, sabe-se que há mais poetas na condição de participar dessa antologia. Sabe-se também que a vida é feita de escolhas e de momentos delicados. Sabe-se que por mais que a rede de computadores divulgue as informações com eficiência e quantidade enorme a recepção nem sempre corresponde a essa oferta. Por isso a noção de mapa nos é cara e necessária uma vez que ela abre a possibilidade para a construção de um espaço movente que apresenta certo perfil poético de um dado momento. Chegou-se a 49 poetas que nos convidam a uma fruição a partir de suas escrituras.

Por outra via, para aqueles que trabalharam nesse projeto, incluindo aqui as pessoas que se somaram ao grupo primeiro para desenvolver os aspectos de estabelecimento dos textos e de diagramação do livro, deve-se chamar a atenção para a oportunidade de se vivenciar o processo editorial como um exercício coletivo. Essa oportunidade única de se poder trabalhar com dezenas de escritoras e escritores para se articular o objeto livro auxiliou no conjunto de técnicas que per-

mitiram estruturar essa obra. Isso exigiu dedicação, criatividade, valorização ao olhar e à experiência do outro, para que se pudesse chegar ao resultado que ora se vê: um livro com duas versões digitais baseado no desejo movido pela pluralidade de vozes.

Ao longo desse processo editorial, julgou-se necessário a criação de página no Instagram (@naonosafastemos.cefetmg), no Facebook (<https://www.facebook.com/naonosafastemos.cefetmg>) e no YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UCa-bj3ZbLx8479EoP-FYN5nA>) para a divulgação do projeto; e também para a divulgação de videopoemas dos autores selecionados nos canais digitais criados. Percebe-se que o processo editorial em nossa atualidade vai além da dedicação necessária para se dar a ver o livro. Ele agrega um número maior de ações que contribuem para a construção do valor de uma obra, afetando a sua circulação, a sua recepção e o seu entendimento enquanto resposta social, cultural e política.

Corroborando essa visada, deve-se destacar o processo de navegação interativa em *corpAfeto*. A dinâmica de navegação no miolo do livro funciona através de hiperlinks presentes em textos específicos, que levam o leitor de um lado a outro do livro de maneira ágil, permitindo, em uma leitura digital, um fluxo de navegação mais prática, sabendo que o livro possui mais de 300 páginas:

- As páginas que introduzem os autores, e que tem papel de transição entre essas seções textuais, possuem hiperlinks nos nomes dos autores e que, ao serem clicados (seja por mouse ou por telas *touch*) levam à página de biografia do respectivo autor ou autora em seção ao final do miolo;
- Na seção de biografias, abaixo na página (ora mais à direita, ora mais à esquerda) de um autor ou autora existe a letra “S” que é um hiperlink que levará o leitor à página do sumário correspondente à página em que o autor ou autora aparece;
- Nas páginas do sumário existem três categorias de hiperlinks:
 1. Nomes dos autores – hiperlinks que levam à página de biografia do autor(a);
 2. Nome dos poemas – leva à seção textual respectiva ao poema;

3. Número de páginas – também leva à seção textual respectiva ao poema indicado pela numeração.
- Em toda as páginas de poemas, sejam as verticais ou as horizontais, existe também um “S” ao lado da numeração de página que funciona como hiperlink que, ao ser clicado, levará o leitor à página correspondente daquele autor(a) no sumário;
 - Na seção textual do autor Marlon Fabian os poemas “Para ouvir soar” e “Do ritmo ao desassossego” possuem um *QR Code* em sua última página. Cada *QR Code* também é um hiperlink, mas hiperlinks externos, que levam o leitor ao navegador definido como padrão, abrindo no YouTube vídeo produzido pelo autor para o respectivo poema;
 - Na seção de biografias abaixo da descrição de cada autor ou autora existe através do e-mail um link de contato para respectivo autor(a). Ao clicar o leitor será levado para alguma maneira de contatar o autor ou autora, seja por navegador ou aplicativo de e-mail instalado.

Por fim, agradecemos a todas e todos poetas que se dispuseram a participar desse projeto e esperamos ter correspondido às expectativas de uma publicação coletiva baseada no caráter do sentimento de adesão à arte e de modificação daquele que experimenta a vida e a poesia como movimentos singulares do existir.

*Os integrantes do projeto.
Primavera de 2021.*

Referência

NIETZSCHE, Friedrich. II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. IN: NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre história. Trad. Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 67-178.

— P O E T A S
C O R P A F E T O



ADRIANA VERSIANI

É poeta. Tem diversos livros de poemas publicados, dentre eles: A Física dos Beatles (2005), Conto dos Dias (2007), Livro de Papel (2009), A Lâmina que matou meu pai (2012), Três pedras(2014), Arqueologia da calçada e Farmacopeuma (2018). Integrou o Grupo Dazibao de Divinópolis/Belo Horizonte. Foi co-organizadora da Coleção Poesia Orbital e do Jornal Inferno. Fez parte do conselho editorial da Revista de Literatura. Ato. Foi editora do Jornal DEZFACES.

driarroba@gmail.com



ALBA DURÃES

Nasci em um pequenino chão de terra batida. As primeiras letras me chegaram pelas mãos calosas da enxada e o aroma de cafezal em flor. Livros inteiros vieram sob goiabeiras, laranjeiras e mangueiras. Mais tarde, a primeira biblioteca de cidadezinha me encantou os olhos. Estes mesmos olhos verteram lágrimas na Biblioteca Joanina. Agora os olhos são outros: não cabem mais em lugar algum, pois grande é o mundo, larga é a estrada e infindável é a busca. É com esse currículo que escolhi me tornar professora de Literatura do CEFET-MG. Atuo no campus Divinópolis, cidade onde resido há 18 anos e onde ser cefetiana é de dar orgulho a papai e mamãe se estivessem vivos e entendessem a grandiosidade do meu trabalho. Grisalheci e, mantenho em mim toda, a meninice da roça.

alba.duraes@hotmail.com



ALÍCIA TEODORO

Alícia nasceu em março de 1993 e mora na cidade de Ibirité-MG. É graduanda no curso de Letras no CEFET-MG, Campus I. Participou da antologia de contos *Escreva como uma mulher* (2020), organizada por Ana Elisa Ribeiro e publicada pela Editora LED do CEFET-MG. Despertou-se no mundo poético no qual vivencia novas sensações através da poesia. É fã da série Harry Potter e apaixonada por fotografia.

aliciateodoro9@gmail.com

ALZIRA ALICE SOUZA

Divorciada, mãe de dois filhos, nascida em Belo Horizonte, hoje consultora em Gestão Financeira, graduada em Economia, Administração e Ciências Contábeis, desenvolveu vida profissional em empresas privadas mineiras, especializando-se em Controladoria e Finanças.

alziraalice21@gmail.com



ANA CLARA MOLINA
RAMOS

Sou a Ana Clara Molina Ramos, ex-aluna do curso técnico em no CEFET-MG Campus Varginha entre os anos de 2017 e 2019. Atualmente, faço Letras na UFMG.

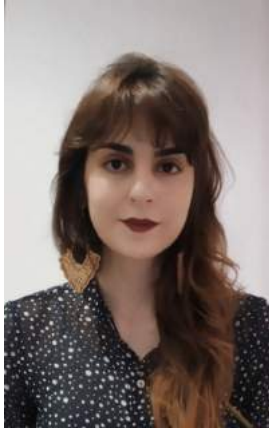
anaclara2013molinaramos@gmail.com



ANA ELISA RIBEIRO

Ana Elisa Ribeiro é autora de livros de poesia, conto, crônica e infantojuvenis. É doutora em estudos linguísticos e professora titular do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua na pós-graduação, na graduação e no ensino médio. É formada em Letras/Português pela UFMG. Seus livros mais recentes são *Álbun* (Relicário, 2018) e *Dicionário de Imprecisões* (Impressões de Minas, 2019, finalista do Prêmio Jabuti 2020).

anadigital@gmail.com



ANA LUÍSA ALBUQUERQUE

Às vezes Ana, às vezes Anicca. Adoro ler poesia e escrevo por hobby. Não sou muito fã de títulos, mas adoro um ponto final. Atualmente, faço a graduação em Letras pelo CEFET-MG, campus I. Também cursei o técnico em Mecatrônica em 2011. De lá para cá, muita coisa mudou, mas só tenho a agradecer pelas oportunidades, tudo o que aprendi e pessoas que conheci nesse lugar.

analuisa.alb@gmail.com



ANA PAULA DACOTA

Ana Paula Dacota nasceu em 1974 em Belo Horizonte (MG). É Mestranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (linha IV, Estudos em Edição). É Bacharela em Letras também pelo CEFET-MG. Pesquisa pequenas editoras, edição e literatura. Foi colunista no Jornal Boca da Mata (Carmo de Cajuru – MG, de 2012 a 2014). Possui trabalhos publicados no Suplemento Literário de Minas Gerais (2018/2019), participou da Revista Chama nº2 (2019); da coletânea de poemas e fotos “Imagens Literárias: existem direitos humanos na minha cidade? ”, pela Editora do CEFET-MG (2019). Publicou o livro *Perfume atrás da orelha*, selo Alma de Gato, pela Editora Scriptum, (2019), participou da antologia “Elas, as mãos, o infinito” editado pela Páginas Editora com o coletivo Mulherio das Letras (2020). Seus poemas e ensaios têm sido publicados em revistas eletrônicas, como a Ruído Manifesto, Habitat e Mallarmagens.

anpaco@gmail.com



ANDRÉIA OLIVEIRA

Andréia Oliveira nasceu em Abaeté, Minas Gerais. É Mestre e Doutoranda em Linguagens (CEFET-MG). Amante da poesia desde tenra idade. Não é poeta, mas aprecia talhar a palavra, aparar suas arestas e transformá-la em versos.

astoliveira@gmail.com

BEATRIZ APARECIDA

Beatriz tem 17 anos de idade e nasceu em São Paulo, mas tem uma conexão e amor muito fortes por Minas Gerais e sua cultura. Se expressa por e pela arte.

beatrizcastro301202@gmail.com



BERNARDO FALCÃO

No dia 23 de Setembro de 1986 nascia no Rio de Janeiro/RJ o filho de Beatriz Nogueira de Faria e Carlos Alberto Corrêa Falcão; não quiseram saber o sexo do bebê, por isso escolheram dois nomes: Bárbara e Bernardo. Tornou-se uma eterna criança que brinca de ser adulto.

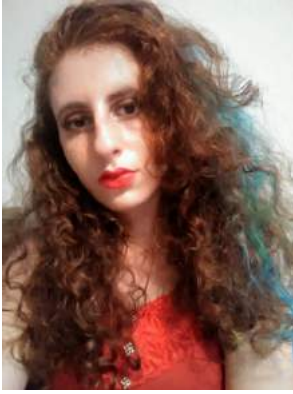
bfalcao@cefetmg.br



CAMILA DIÓ

Camila Dió é Mineira, estudante de letras do CEFET-MG e é formada em artes visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tão pronto começou a ler, se enveredou pelos caminhos da escrita. É autora do livro: *Não escrevo poemas de amor*, lançado pela editora Penalux em 2020.

camila.dio.poemas@gmail.com



CAROLINA SILVA

Sou uma leitora voraz e artista amadora nas horas vagas. Tento me dedicar ao maior número possível de tipos artísticos, mesmo não sendo boa em todos. Atualmente curso filosofia e sonho com o que me aguarda no futuro.

caroldalferro@gmail.com



DALVA SILVEIRA

Dalva Silveira nasceu em Belo Horizonte/MG. Doutora e Mestre em Ciências Sociais. Graduada em História. Servidora do CEFET-MG. Escritora e poetisa.

dalvasilveira2016@gmail.com



DENILSON SILVA

Professor do Departamento de História do CEFET-MG. Licenciado e bacharel em História pela UFSJ. Mestre em História Social pela UFF. Doutorando em História e Culturas Políticas pela UFMG. Autor de “O drama social da abolição” (Ed. Prismas, 2016) e de “Perguntas da História (poemas)” (Ed. Labrador, 2018).

denicult@hotmail.com



EDILAINE DE TOLEDO

Professora do CEFET-MG, em Varginha, onde reside há 37 anos. Natural de São José dos Campos – SP, tem com a escrita, em prosa e verso, uma parceria diária, intensa e prazerosa, que materializa sua imaginação, reflexão e percepções sobre a realidade.

edigonfer@gmail.com



FRANCISCO VIEIRA

Minha relação com o CEFET-MG começa em 2003 quando ingressei no curso Técnico de Eletrônica. Em 2008 retorno a escola para iniciar o curso Técnico de Química. Nesses seis anos aprendi admirar, respeitar e valorizar a linda história da escola, os professores e os funcionários. Essa intensa convivência despertou e criou novas oportunidades. Diante disso, em 2012 retorno a escola novamente para iniciar o curso de Engenharia de Materiais. Agora são mais cinco anos de intensa transformação pessoal, cultural e profissional. Depois dessas passagens pelos cursos técnicos e de graduação, em 2018 inicio o curso de Mestrado em Ciência e Engenharia de Materiais. Lá se vão 13 anos de intensa transformação, neste sentido, posso dizer com muito orgulho que sou um Cefetiano que respeita, valoriza e admira todos os docentes, funcionários, discentes e colaboradores que fazem parte dos 111 anos de história do CEFET-MG.

francisco.cefetmg@gmail.com



GIOVANNA LECCA

Nascida no dia 06 de abril de 2004, na cidade de Varginha, em Minas Gerais, sempre fui uma menina tímida que prefere se expressar através da escrita.

gilecca04@gmail.com



GRAZIELLE BAMBIRRA

Belorizontina, 27 anos, graduanda em Letras – Tecnologias de Edição. Desde pequena descobri que me expresso melhor escrevendo. Faço poemas desde que aprendi que eles existem, sempre amei brincar com os significados e as sonoridades que as palavras possuem.

grazi.bam@gmail.com

GUILHERME BORGES

Guilherme Borges é cantor, compositor e escritor natural de Belo Horizonte. Teve o primeiro texto publicado aos 3 anos de idade, em um jornal voltado para o público infantil. Ganhou diversos prêmios no I Concurso Cultural do CEFET-MG, categoria poesia. Graduou-se em Letras pela UFMG. Após uma viagem a Irlanda, passou a compor canções e iniciou a vida artística. Atualmente integra grupos de blues e jazz com os quais toca nas noites e vem ganhando visibilidade em importantes festivais.

escrevoguilherme@gmail.com

GUILHERME HURTADO

Guilherme Hurtado nasceu em 1984, na cidade de Belo Horizonte. É graduado em Letras pelo CEFET-MG e leciona Língua Portuguesa e Redação na rede privada de ensino. Autor de contos, poemas, histórias infantis e aldravias, Guilherme procura relatar, por meio de suas composições, as aflições que permeiam o comportamento humano. Com versos, o poeta descreve os sentimentos dos grandes centros e poetiza o ser comum. Em 2019, publicou o livro “Pé de Jabuticaba” pela Editora Crivo. Guilherme é Membro Efetivo da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas.

guidavilah@hotmail.com



INGEMAR GLUBSTRÖM

Natural de Mogi Mirim, no estado de São Paulo, terra de passarinho e caipira, admira ambos, em qualquer ordem de importância. Estudou um pouco de Física, um pouco de Matemática.

ingemarglubstrom@gmail.com



ISA DE OLIVEIRA

Isa de Oliveira é mestre e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG (Campus 1), revisora, resenhista e crítica, produtora de conteúdo do bookstagram @corujadasletras, poeta e escritora, autora de *Intermitências* (Crivo Editorial, 2019). Natural de Contagem – MG, servidora pública estadual, formada em administração pública, possui pós-graduações em linguística (UGF), comunicação: imagens e culturas midiáticas (UFMG) e gestão cultural (SENAC). Atualmente pesquisa processos editoriais de Histórias em Quadrinhos, possui capacitação em Editor de HQ e Editor de Livros pela Casa Educação – SP. Colabora com diversos canais literários como os sites Universo HQ e LiteraturaBR, já colaborou para a revista virtual *Voz da Literatura* e atualmente colabora com textos sobre leitura, livros, literatura e cultura local para o Portal Nova Contagem.



JOÃO BATISTA SANTIAGO
SOBRINHO

Professor de literatura, poeta, ensaísta, romancista e
filósofo por deslizamento.

joaliter@hotmail.com



JULIANA PACHECO

Técnica Administrativa do CEFET desde 2006, atualmente sou Chefe do Departamento de Arte, Design e Tecnologia e Coordeno o Programa de Extensão “A escrita de Si como instrumento de visibilidade para os terceirizados do CEFET-MG”. Sou Terapeuta Ocupacional de formação e atualmente mestranda em Educação Tecnológica, ao longo de minha experiência profissional estive envolvida em várias áreas do conhecimento e sou Co-fundadora e curadora da Roda BH de Poesia, gestora da Confraria do Livro BH.

julianapacheco@cefetmg.br

JULIO ABREU

Julio Abreu é formado em Letras e Design Gráfico. Fez doutorado no CEFET-MG com tese sobre a poesia de Augusto de Campos. Publicou Jogo das horas (2015) e Dentro da faixa (2017). Dirige, com Leonora Weissmann, a Jiló Design.

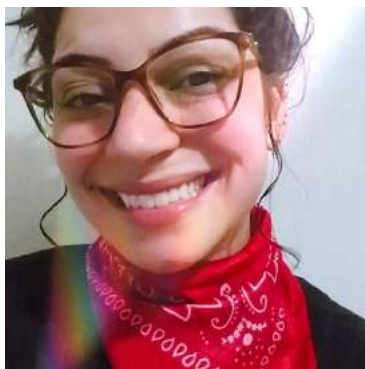
julioabreu1@gmail.com



LEONARDO MORAIS

Leonardo Moraes nasceu em São Paulo (1975). É professor de literatura e línguas. Mestre e doutorando em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Tem dois livros de poemas publicados: *Colecionando Fraturas*, Editora Patuá, 2017; *Mousse de Napalm*, Editora Scriptum, 2019. Vive em Belo Horizonte.

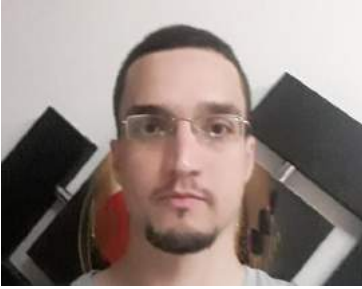
leodemorais@gmail.com



LORENA FREITAS

Me chamo Lorena, tenho 32 anos, 3 filhos e uma paixão: livros! Após onze anos me dedicando exclusivamente aos filhos, retorno aos estudos no curso de Letras no CEFET. Cursando o terceiro período, me sinto desafiada a cada dia. Nasci em Belo Horizonte no dia 06 de Junho de 1988. Geminiana raiz, me arrisco em várias áreas, uma dela é a escrita.

lorenasatierf@gmail.com



LÚCIO FERNANDES LEMOS

Tenho 32 anos, sou formado em Teologia (FATE), Psicanálise (FAMET), Logística (UNA) e fiz 1 ano de Letras (CEFET). Sou escritor e dramaturgo nas horas vagas.

luciolemos2008@hotmail.com

MARCELA LEONEL MEMBRIVE

Marcela Membrive nasceu em 2004, em Minas Gerais, onde vive com seus dois irmãos e sua mãe. Sempre foi muito ligada ao esporte e a todo tipo de arte.

marcelamembrive@gmail.com



MARINA GOMES

Marina Luiza Gomes Clemente, nascida e criada no Centro Histórico de Sabará, graduanda em Letras – Tecnologias da Edição, no Campus I do CEFET-MG, 21 anos e uma mala cheia de memórias. A intimidade com a escrita me motivou a criar um projeto no Instagram, a Margeal, lá eu compartilho textos autorais, textos de amigos, encontro ilustrações que conversem com eles, faço declamações e crio quadros para me conectar com os seguidores, é um espaço muito rico de troca e apreciações artísticas. A escrita é minha companhia e me aproxima de mim.

marina.gomes.cle@gmail.com



MARINA RIBEIRO MATTAR

Poeta e pesquisadora. Publicou uma trilogia poética nos últimos três anos. Seu último livro “Peças avulsas num jogo de tabuleiro” sairá pela Editora Urutau, ainda em 2020.

marina.rmattar@gmail.com



MÁRIO ALEX ROSA

Mário Alex Rosa – Formado em História (UFOP), mestre e doutor em Literatura Brasileira pela USP. Foi curador do FELIT (Festival de literatura de São João del-Rei). Atuou como Coordenador de Biblioteca e literatura no SESC – MG. Atua como professor de Literatura Brasileira. É autor dos livros: ABC futebol clube, Ed. Aletria, 2015 (Infantil), Formigas, Cosac Naify, 2013 (Infantil), Ouro Preto – poemas, Ed. Scriptum, 2012, Via Férrea, Ed. Cosac Naify, 2013 e Poemas Pitorescos, Galileu Edições, 2020. Editor na Editora Scriptum – BH. Cursou pós-doutorado no CEFET-MG, na área de Edição.

marioalexrosa14@gmail.com



MARLON FABIAN

Marlon Fabian é poeta e performer. Mestrando pelo PPG em Estudos de Linguagem do CEFET-MG. Desenvolve trabalhos relacionados com corpo e poesia. Busca a partir de experiências com outras artes, como performance, dança e teatro, compreender as manifestações poéticas em uma perspectiva de interartes e de campo ampliado, em que seja possível discutir a presença da poesia em outras modalidades artísticas. Atua no cenário cultural com seus trabalhos de poesia corporal intitulados de Ações Poético-Corpórea.

marlon.f.machado@hotmail.com

MATHEUS NATALE

Amante do que não se diz falando e do que se diz calando. Perscruto a complexidade das coisas simples. Discente do 7º período do bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição, no Campus Nova Suiça e estagiário na Diretoria do Campus Gameleira.

matheus-natale@hotmail.com



MAURÍLIO ALVES

Professor de Computação do Campus de Timóteo, pai de 2 filhos e casado com uma mulher maravilhosa. Nascido e vivido em Santa Bárbara, crescido e desenvolvido no mundo. Já morei em tantos lugares que nem me lembro mais.

maurilioamc@gmail.com



MICHAEL FERREIRA

Alguém que não tem a pretensão de ser poeta e muito menos a de não sê-lo. Professor de Matemática na unidade de Varginha que usa a poesia para dar vazão a reflexões e sensibilidades, além de se divertir com um quase exercício de raciocínio lógico de brincar com as palavras.

mike.cefet@gmail.com



NÁDIA PAIVA

Tenho graduação na área educacional. Gosto de todas as artes (ou quase todas) e escrevo por gostar.

nadiapaiva85@gmail.com

OLGA VALESKA

Olga Valeska nasceu em São Paulo, mas vive em Belo Horizonte desde menina. É poeta, ensaísta e dançarina de tango. Possui dois livros de poesia publicados: “Mundose Mutações” e “Mundose Mutações” (poemas visuais). Desde 2008, tem participado de diversas antologias nacionais e internacionais e divulgado o seu trabalho poético e artístico em saraus e eventos de performance. Trabalha como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no Curso de Letras (Edição) e no Ensino Médio-Técnico (CEFET-MG). Coordena dois grupos de pesquisa: “COMTEC – Corpo, movimento e Tecnologia” e “Discurso, Cultura e Poesia”, onde dedica-se à pesquisa no campo da Poesia Contemporânea, Artes do Corpo e Edição.

ovaleska@yahoo.com.br



PAULO CEZAR

Físico, Mestre em Física Aplicada, Doutor em Ciência da Comunicação e Informação, fui professor do CEFET-MG durante 21 anos. Atuei nos Mestrados em Educação Tecnológica e em Estudos de Linguagem. Publiquei um livro de Poesias (Mistérios de Marte), alguns livros infantis, e um livro acadêmico. Publico poesias, crônicas e microcontos em blogues, antologias e grupos na internet. Tenho 5 livros prontos para serem publicados nos próximos meses. Membro da Academia Novalimense de Letras.

pcventura@gmail.com

PEDRO ROSEMBERG

Sou aluno do CEFET-MG no curso bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição, gestor de Mídias e Redes Sociais na Faculdade CEDIN, e criador de conteúdo no portal Tecnoveste.

pedrorosemberg@aol.com



ROGÉRIO BARBOSA

Professor de Literatura e Edição, poeta de ocasião.
Co-autor de “boca na palavra, vias do canto” (Impressões
de Minas, 2019). Coordena o projeto poemas – poesia
georeferenciada: www.poemaps.org

rogeriobsilvacefet@gmail.com



STEPHANIE MENDES

Escritora com paixão pelas histórias que as palavras são capazes de criar. Possui fascinação pelo universo mágico que os livros são capazes de proporcionar.

stephaniemgmendes@gmail.com

TÁBITA NATHÁLIA

Escritora por necessidade, escrever veio para mim como terapia, como desabafo, como análise e reflexão. Escrever para mim não é uma opção. Mãe, mulher, esposa, amiga, companheira, amante, profissional, confidente entre outras muitas qualificações. Sobre todas elas existe um véu de aceitação que eu só retiro quando escrevo.

tabita.tati@gmail.com



THIAGO OLIVEIRA

Nasci na Região do Vale do Aço em 2001, sempre estudei em escola pública, gosto muito de ler, entrei no CEFET em 2018. Quando criança gostava de ler enciclopédias Barsa, inclusive eu tinha uma coleção.

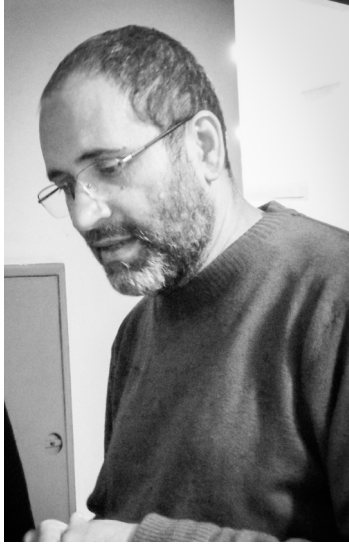
thiago.oliveribe@gmail.com



VINÍCIUS ABREU

Belo-horizontino, taurino e apaixonado pelas palavras. Estudei no CEFET-MG, no Curso Técnico em Meio Ambiente, de 2017 – 2019 e me apaixonei ainda mais pela literatura e pelas letras, sobretudo, por causa dos docentes incríveis que tive de Redação e Literatura (sou imensamente grato a eles). Atualmente, faço Letras na UFMG. Escrevo para me sentir vivo, palavra é como oxigênio, apesar de achar aquilo que escrevo bem médio, não vivo sem as palavras, elas são ilhargas para mim.

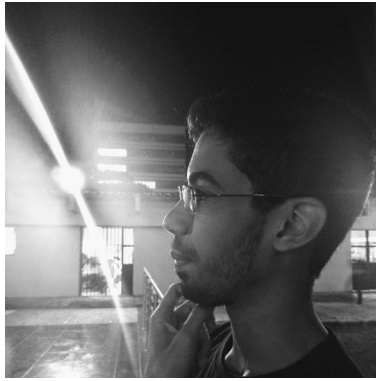
viniciuscassiano007@gmail.com



WGNR

Wagner Moreira, ou como ele assina seus projetos poéticos, wgnr, nasceu em Belo Horizonte. Publicou vários livros de poesia, dentre eles, blues, 2004 (Editora CEFET-MG/SAC-Dazibao); solos, 2015 (Editora Scriptum) e rumor de pétala, 2017 (Edições Alma de Gato); terralegria, 2020 (Impressões de Minas).

wgnrjs@gmail.com



WEMERSON FELIPE GOMES

Wemerson Felipe Gomes é mestrando em História e Culturas Políticas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); graduado em História no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e graduando em Letras no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Vive entre a História e a Literatura, entre a poesia e a verdade – não sabe dizer onde começa uma e termina a outra.

wemersonfelipe10@gmail.com



WESLEY LANCUNA

Meu nome é Wesley Lancuna, sou Engenheiro Civil e faço mestrado em Modelagem Matemática e Computacional. No CEFET, além de ser um discente participante do colegiado do curso, também tenho orgulho de ter feito parte da fundação da primeira associação dos pós graduandos e pós graduandas do CEFET-MG (APG CEFET-MG), na qual atualmente integro a presidência. A poesia surgiu para mim em 2012, no ano em que perdi meu pai. Ele também escrevia poesias e como terapia minha psicóloga me recomendou que escrevesse para superar essa perda. Desde então escrevo para aliviar minha ansiedade e para trazer um pouco das ideias da minha mente para o papel e para o mundo.

wesleylancuna@yahoo.com.br

S U M Á R I O
C O R P A F E T O

Adriana Versiani	
Soneto#1	5
Soneto#2	6
Escalpo	7
Sonho	8
COPASA	9
Alba Durães	
Gotícula	11
bicho-da-seda	12
poesia	13
Alícia Teodoro	
Os olhos atentos observam	15
Respiro sua ausência	16
Ainda bem que temos a poesia	17
Dissolvo-me em cada verso	18
Alzira Alice Souza	
Vontade	20
Poema da Distância	21
Mel	22
Ana Clara Molina Ramos	
Stop!	24
Recomendações	25
Epifania da evolução	26
Na prisão	27
Ana Elisa Ribeiro	
Isolamento	29
Lista de desfazeres	30
Tradução	31
Ana Luísa Albuquerque	
Eu, que sempre me joguei de cabeça	33
Chegou manso e foi ganhando espaço	34
Poda	35

É tudo muito simples	36
Remédio dos remédios	37
Ana Paula Dacota	
flauta vazia	39
poeta anônima	40
um copo de claustro	41
meu jardim	42
@quela nuvem de dados que passa l@ em cima sou eu	43
Andréia Oliveira	
21 PRAIRIAL	45
Processo	46
Tempos cinzentos	47
Você	48
21 PRAIRIAL II	49
Beatriz Aparecida	
pseudo soneto	51
(a tristeza nunca foi porta de entrada)	52
volta	53
chegada	54
Bernardo Falcão	
Sobre o Brasil	56
Outono	57
Esconde-esconde	58
Camila Dió	
O banquete	60
Pedacim de Minas	61
Letras num papel úmido	63
Talvez	66
Dedo verde	68

Carolina Silva	
Reflexos	70
Escrever	71
Realidade	72
Dalva Silveira	
BR ou céu?	74
Almoço em casa	75
Abrindo o presente	76
Corona e nova paisagem	77
Coronavírus e viradas	78
Denilson Silva	
Sobre a densidade das nuvens	80
Causo	81
Elo perdido	83
Glossário	84
Utopia	86
Edilaine de Toledo	
Pintura do amanhã	88
Imagem	89
Ritmo	90
Conexões	91
Francisco Vieira	
Tempo	96
Memórias	97
A Praça	98
Giovanna Lecca	
O Amor e o Amar	100
Brasil em Desespero	102
Grazielle Bambilra	
A caixa em cima do armário	105
[In]definição	108
Fantasia textuais	109

Libertação	110
Pérolas de marfim	111
Guilherme Borges	
Duas estradas	113
Navegar, navegar	114
Consagrado das cordas	115
Um chorinho	116
Invocação à cevada	117
Guilherme Hurtado	
I. vi-me de pé	119
II. a proposta	120
III. decidi retirar-me da crônica	121
IV. durante caminhada	122
Ingemar Glubström	
fragmento 29	124
fragmento	125
Velha Senhora	126
Litania passarinha	127
Ulisses	129
Isa de Oliveira	
Isolamento	131
Livrerdade	132
Revisão	134
Livros	135
Futuro do Pretérito	137
João Batista Santiago Sobrinho	
Nove movimentos	139
Juliana Pacheco	
angústia	142
nós	143
hospital	144

Julio Abreu

Descarnaval 1	146
Descarnaval 2	147
A ciência da bagaceira	148

Leonardo Morais

Hipertextos/intertextos	150
Reediting leminski	151
Oda a los diluyentes	152

Lorena Freitas

Carambolas	154
O sol da meia noite	155
O coração	156
Luz do dia	157
Seus olhos	158

Lúcio Fernandes Lemos

Verdade não dita	160
O caminho	161
Simple detalhes	162

Marcela Leonel Membrive

Eterno	164
Sorriso	165
Dor	166

Marina Gomes

encanto de desencontro	169
Petrichor	170
açúcar ou adoçante?	171
a saideira	172
frenesi	173

Marina Ribeiro Mattar

Lembrete	175
Cupido	176
Descontínuo	177
Poema para pais e filhos	178

Mário Alex Rosa	
Solidão	180
Ubi sunt?	181
Outro Exílio	182
Invisível	183
Marlon Fabian	
nem tudo são flores	187
trânsito, trânsito	188
para ouvir soar	189
do ritmo ao desassossego	192
o movimento se transforma no alento necessário	195
Matheus Natale	
Vaso sem fundo	197
Maurílio Alves	
Lembranças	202
Estudante de Outro Preto	203
Michael Ferreira	
Marcha das Vadias	205
2020	206
Tempo	207
Azul	208
Rascunho	209
Nádia Paiva	
Vestígio	211
Nossa prosa	212
Espero	213
Olga Valeska	
Um dia	215
Morte	216
Dúvidas no silêncio	217

(medo)	218
Espera	219
Paulo Cezar	
Receita de pão de queijo	221
Mãe deveria ser diferente	222
Aura	223
“A juba é minha, penteio se quiser!”	224
Alguns hai-kais do riobaldo	225
Pedro Rosemberg	
Flor bizantina	228
Vida	229
Colostro	230
Rogério Barbosa	
A sombra invisível	232
Vento de viração I	234
Vento de viração II	235
Arte poética	236
SINDÉDOQUE	237
Stephanie Mendes	
Vestígio	242
Molho de tomate	243
Adeus	245
Tábita Nathália	
A Grande Mãe	247
Gira Segunda	249
Esperança e Resignação	250
Thiago Oliveira	
A Pandemia	253
T.O.C. T.O.C.	254
Separados pelo Invisível	255
Amor Platônico	256

Vinícius Abreu	
A Rosa Virulenta	258
Romance das palavras aéreas	259
Todo Amor do Mundo	262
Wagner Moreira	
o horizonte é o mundo	264
as mãos falam o ar	266
o casario luz do sol fim de tarde	267
um grão de alegria pela poesia	268
testando testando	270
Wemerson Felipe Gomes	
Credo	273
Sobre resistir em tempos sombrios	275
Manifesto saudade	276
Tristes dias	278
Sol entardecente	280
Wesley Lancuna	
Relativismo	285
Fragmentos Soltos	286
Promise Wait	288
Um mapa poético em CORPAFETO	291
Poetas	296

P Á G I N A S D E C R É D I T O S
C O R P A F E T O

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET-MG

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Prof.^a. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Prof.^a. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Prof.^a. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita

Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Prof.^a. Joelma Rezende Xavier

Coordenador Adjunto

Prof. José de Souza Muniz Jr.



LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça
Campus I, sala 344
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169
Telefone: +55 (31) 3319-7140

Coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Vice-coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Comissão Editorial

Prof.^ª. Dr.^ª. Ana Elisa Ribeiro
Prof.^ª. Dr.^ª. Elaine Amélia Martins
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Prof.^ª. Dr.^ª. Maria do Rosário Alves Pereira
Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Prof.^ª. Dr.^ª. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)
Prof.^ª. Dr.^ª. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)
Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)
Prof.^ª. Dr.^ª. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)
Prof.^ª. Dr.^ª. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)
Prof.^ª. Dr.^ª. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)
Prof.^ª. Dr.^ª. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)



Projeto “Não nos afastemos muito, escrevamos”

Professor Coordenador

Wagner Moreira

Organização e Preparação

Alicia Teodoro da Silva

Camila de Oliveira

Wagner Moreira

Wemerson Felipe Gomes

Capa

Alicia Teodoro da Silva

Wagner Moreira

Projeto Gráfico e Diagramação

Alicia Teodoro da Silva

Murilo Vale Valente

Revisão de Texto

Carla Naiara Gobb Teixeira

Wemerson Felipe Gomes

Revisão do Projeto Gráfico e da Diagramação

Alicia Teodoro da Silva

Murilo Vale Valente

Wagner Moreira

C822 Corrafeto/ Organizadores: Alicia Teodoro... [et al.] – Belo Horizonte: LED, 2021.

360 p.

ISBN: 978-65-87948-13-3

1. Poesia. 2. Pandemia II. Título.

CDD: 869

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Foram usadas as fontes *EB Garamond*
e CINZEL. O projeto editorial é de
estudantes de Letras do CEFET-MG
e foi finalizado na primavera de 2021.

